

Napoleão e a Carreira do inglês

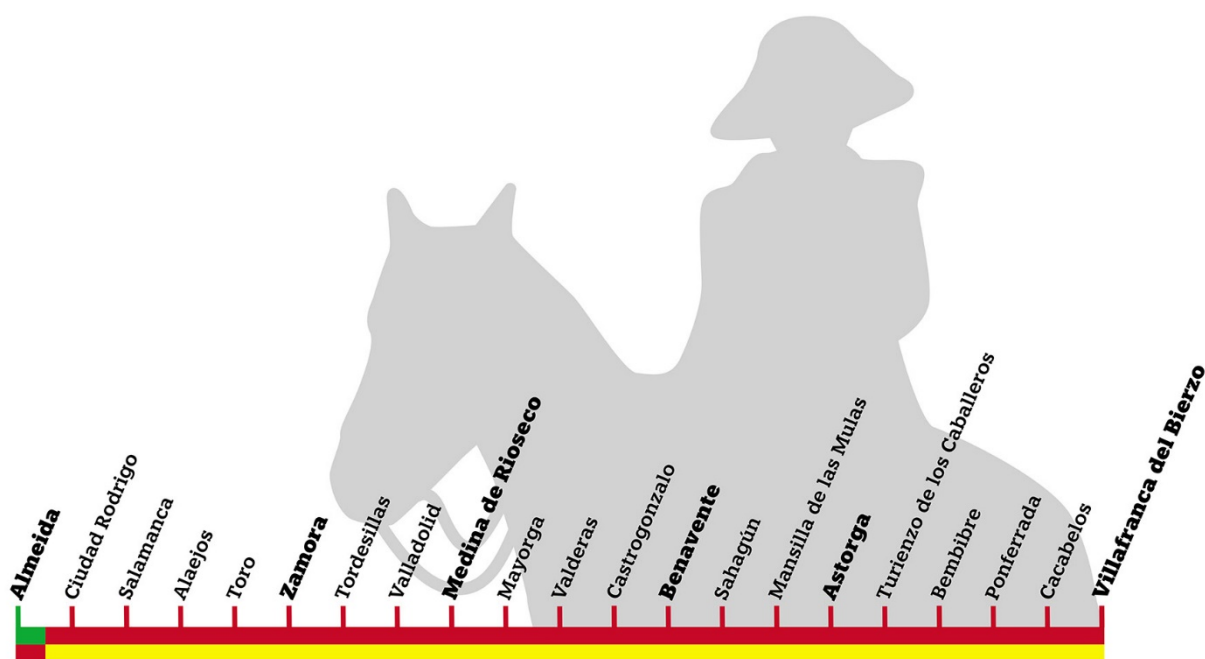
1808-1814

NAPOCTEP | Fevereiro 2021



Ruta

Napoleón y La Carrera del inglés



Interreg
España - Portugal

Fondo Europeo de Desarrollo Regional



UNIÓN EUROPEA

NAPOCTEP



Introdução

A PLANIFICAÇÃO DESTA ROTA TRATA DE RECORDAR os acontecimentos da Guerra Peninsular relacionados entre si; por um lado, com a passagem do próprio Imperador Napoleão por Espanha e por outro a desesperada fuga do general Jhon Moore. O inglês entrou em Espanha para dirigir um golpe definitivo aos franceses, depois da acelerada fuga de Portugal, porém, foi surpreendido por uma força expedicionária descomunal, com a qual não contava depois da entrada de Napoleão na península.

Depois do desastre francês em Bailén, **Napoleão** pensou que a única forma de ganhar a guerra era que o próprio estivesse ao mando dos seus exércitos. O seu avanço por terras espanholas foi rápido, aniquilando desde Vitoria a Burgos as pequenas e dispersas tropas espanholas que se lhe atravessavam pelo caminho, como a de Belveder em Gamonal. As vitórias continuaram, desta vez contra um exército espanhol mais experiente, como o de Espinosa de los Monteros, de Tudela, de Somosierra, etc. Finalmente a 14 de dezembro de 1808, Napoleão entra triunfante em Madrid, pelo domínio da capital espanhola levou-lhe a crer que o controlo da Península seria brevemente completo, porém, com os Decretos de Chamartín, observou como as tropas britânicas do general John Moore avançavam pela meseta.

As tropas britânicas estavam às ordens de **John Moore**, que tinha como missão reunir nas províncias do norte de Espanha um corpo de 30.000 infantes e 5.000 cavalos, para ajudar os exércitos espanhóis. A maioria deste contingente provinha das forças existentes em Portugal. O seu percurso foi rápido, partiu do porto de Lisboa e chegou a Almeida a 8 de outubro de 1808 e daí, passado três dias chegou à Ciudad Rodrigo, continuando a sua marcha até Salamanca onde instalou o seu quartel-general. No dia 12 de dezembro parte para Valladolid com o propósito de atacar o mariscal Soult em Sahagún, com o objetivo de atrair a Napoleão para o norte e assim proteger o sul, porém, as notícias que chegam até Moore não são as melhores, já que o próprio Napoleão saiu à sua procura, mas com um maior número de tropas do que o inglês esperava. É neste preciso momento quando se dá início à conhecida **Carreira de Benavente** ou **Carreira do Inglês**. Moore ao se aperceber da situação decide mudar de planos e marcha até León pela rota de Mayorga, Sahagún e Benavente, para unir-se a Blake que foi derrotado em Espinosa dos Monteros, no porto da La Coruña, tendo sido o destino final dos britânicos que procuravam desesperadamente embarcar para Inglaterra para evitar serem massacrados por Napoleão.

Por sua vez o imperador chegou a Tordesillas e desde aí procurou capturar o exército britânico, perseguindo-lhes desde perto por Villalpando, Castrogonzalo, Valderas, Benavente, La Bañeza, culminando em Astorga, onde devido aos acontecimentos europeus é obrigado a regressar a Valladolid para receber a informação mais rapidamente, deixando as suas tropas responsáveis de continuar a perseguição. Só permaneceu alojado em Valladolid durante 11 dias, no atual Palácio da Capitania.

Como afirmou Napoleão nas suas memórias: *O maior erro que cometi foi a expedição a Espanha*, o seu destino no plano europeu mudou de forma drástica e teve de abandonar a península ibérica para nunca mais voltar, pois os assuntos do Este do continente requeriam a sua máxima atenção.

Enquanto a Carreira do Inglês continuava por El Bierzo, os soldados de ambos os bandos chocaram com a população civil, sendo que os saqueios foram uma realidade continua que chegou a causar que alguns dos aliados fossem capturados pela população. As bebedeiras dos britânicos foram uma armadilha contra eles próprios, pois muitos destes foram acurralados e massacrados pelas tropas francesas.

Moore foi alcançado justo às portas da La Coruña, mais concretamente na paróquia de Elviña, aí permaneceu para proteger a retirada das suas tropas e morreu atingido por uma bala de canhão, mas pelo menos os seus homens conseguiram embarcar rumo a casa. Hoje está enterrado na cidade galega e em sua honra foi erguido um mausoléu que ainda permanece no Jardim de São Carlos.

Itinerário

1º Etapa Almeida a Zamora

Almeida

Ciudad Rodrigo

Salamanca

Alaejos

Toro

Zamora

2º Etapa Zamora a Medina de Rioseco

Zamora

Tordesillas

Valladolid

Medina de Rioseco

3º Etapa Medina de Rioseco a Benavente

Medina de Rioseco

Mayorga

Valderas

Castrogonzalo

Benavente

4º Etapa Benavente a Astorga

Benavente

Sahagún

Mansilla de las Mulas

Astorga

5º Etapa Astorga a Villafranca del Bierzo

Astorga

Turienzo de los Caballeros

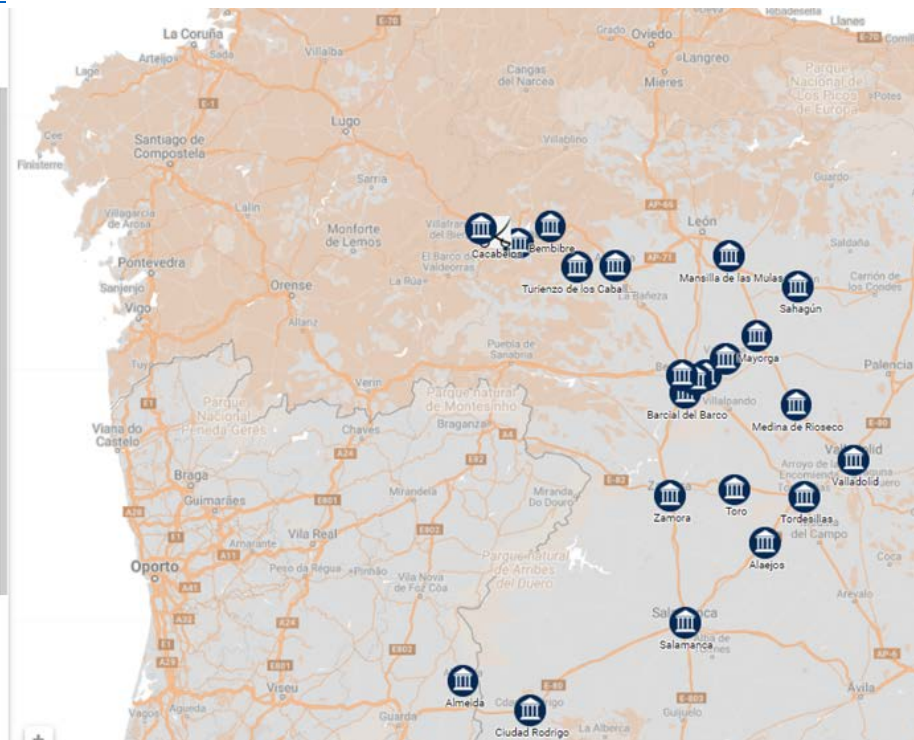
Bembibre

Ponferrada

Cacabelos

Villafranca del Bierzo

Mapa



Etapas. Pontos de interesse

1ª Etapa Almeida a Zamora

ALMEIDA

Depois da *Guerra da Restauração* de meados do século XVII, a decisão de fortificar a Raia “à maneira moderna” obrigou à reforma dos velhos castelos para adaptá-los às novas necessidades militares impostas pela artilheria. Almeida, já contava com uma fortificação anterior e considerando a sua importante posição estratégica foi palco de uma ampla reforma a partir de 1641. Nesse mesmo ano converteu-se na sede do Governo das Armas da Província da Beira, o que condicionou o seu crescimento urbano e o seu próspero destino.

Lugar de passagem na primeira invasão de Portugal, teve especial relevância posteriormente, devido primeiramente à batalha do rio Côa, quando o coronel britânico William Cox defendeu a ponte sobre o rio perante o avanço francês dirigido pelo mariscal André Massena. Posteriormente com o assédio e expulsão do polvorim na fortificação em 1810 provocou consideráveis estragos em todo o centro urbano. Finalmente seria um ponto fundamental nas operações de Wellington e dos seus aliados, para garantir o controlo da passagem fronteiriça com Espanha. Foi também o local de entrada do general Jhon Moore em Espanha.

Atualmente o seu principal ponto de interesse radica na vila fortificada dos séculos XVII e XVIII.



Praça-Forte de Almeida (Fortaleza Abaluartada de Almeida)

A fortaleza de Almeida foi reformada em 1641 durante a guerra da restauração, sob o projeto de Pierre Gilles de Saint-Paul, influenciado nos tratados de Deville. David Álvares foi o arquiteto responsável pela realização do projeto.

A fortificação apresenta planta estrelada de 12 pontas. A fortaleza construída a meados do século XVII na Raia para defender-se de Espanha é considerada como uma das fortificações mais importantes de Portugal. Conserva as duas entradas principais e nos seus inumeráveis espaços acolhe diversos museus e centros de interpretação.

Encontra-se em ótimo estado de conservação, já que o sistema defensivo está quase intato, sendo possível percorrê-lo por completo, incluindo as casamatas, que eram os locais onde a população acolhia para refugiar-se em tempos de guerra, pois estas eram à prova de bombardeamento. Resumindo as características típicas destas construções com as portas de entrada (São Francisco e Santo António), fossos, seis baluartes e outros elementos que podemos observá-los da mesma forma como encontrou o exército napoleónico, apesar da explosão do polvorim que levou à destruição de parte da fortificação.

[Localização](#)



Garita. Fotografia: Vitor Oliveira (CC BY-SA 2.0)

Ruínas do Castelo

Como ponto culminante da fortaleza, atualmente conserva as ruínas da estrutura erguida pelo rei D. Dinis no século XIII. Apresentava planta irregular com quatro torres circulares nos ângulos. Durante a invasão francesa foi utilizado como depósito de munições e pólvora, o que provocaria a sua destruição durante o assédio do dia 26 de agosto de 1810, quando uma bala atingiu o polvorim provocando uma enorme explosão.

Localização

Picadeiro Do Rei

Conjunto de edifícios que constituíam o Trem de Artilharia da fortaleza, a oficina de manutenção da maquinaria de guerra e onde se encontravam os trabalhos de forja. Atualmente transformou-se num picadeiro de cavalos, que para além das aulas de equitação é possível organizar atividades relacionadas com cavalos, carruagens, etc.

Localização



Fotografia: Pedro Nuno Caetano (CC BY 2.0)

Casamatas/Museu Histórico-Militar de Almeida

O Museu Histórico-Militar de Almeida ocupa o interior das casamatas presentes no baluarte de São João de Deus. Está constituído por vinte compartimentos subterrâneos que permitiam refugiar a população durante os bombardeamentos. Várias destas casamatas são atualmente as salas expositivas do museu, onde para além dos acontecimentos da guerra peninsular, observamos a passagem de diferentes períodos da história de Portugal.

Localização

Quartel das Esquadras

Construído no século XVIII serviu como quartel de infantaria. Foi realizado por ordem do Conde Lippe e projetado por Manuel de Azevedo Fortes. Está incluído na Zona Especial de Proteção do Monumento Nacional (Muralhas da Praça de Almeida). Na fachada ostenta o brasão real.

Localização

Centro de Estudos de Arquitetura Militar de Almeida (CEAMA)

Localizado no Revelim de Santo António, o CEAMA reúne duas funções primordiais: uma com uma vertente mais didática e cultural que funciona como um centro de interpretação, e uma outra direcionada ao estudo e ao apoio da investigação. É um espaço projetado para representar o centro histórico, a fortificação e a arquitetura militar da cidade através de painéis informativos, com o auxílio das novas tecnologias e de outros materiais didáticos.

Localização

Recriação histórica do cerco de Almeida

No mês de agosto recriam-se os acontecimentos históricos que ocorreram em 1810 durante a 3ª invasão francesa. Este evento é organizado pelo Município de Almeida e pelo Grupo de Reconstrução Histórica também do Município de Almeida que conta com a colaboração de diferentes coletivos de Portugal, França, Grã-Bretanha, Alemanha e de diferentes lugares de Espanha.

Entre as atividades desenvolvidas neste evento podemos encontrar:

- Reconstrução de um acampamento militar
- Comida campestre
- Dança *Oitocentista* (dança de época)
- Evocação de personagens históricas
- Recriação dos combates
- Seminário Internacional de Arquitetura Militar

Localização

Ponte sobre o rio Côa

Foi refeita em 1825 devido aos danos causados durante a batalha do rio Côa, que sucedeu no início da 3ª Invasão Francesa. Aos seus pés encontra-se o **Parque Arqueológico do Vale do Côa** declarado como Património da Humanidade, apresenta um amplo depósito de arte rupestre ao ar livre com gravuras que remota ao Paleolítico Superior.

Memorial Combate do Côa

Realizado em 2010 para comemorar a batalha do rio Côa. Desde o miradouro é possível observar o rio Côa e a ponte de pedra do século XVIII. A estratégia aplicada durante a batalha está explicita num painel informativo em bronze.

Casa de Lord Wellington, Freineda

Nas imediações de Almeida esteve o quartel-general de Wellington durante as campanhas de inverno de 1811 a 1813. Atualmente conserva-se deste quartel uma pequena casa que possui apenas um andar e existe junto a ela um pequeno painel comemorativo.

Localização

Castelo de Castelo Bom

Castelo de origem medieval. Durante a invasão francesa o castelo foi destruído. Atualmente, é visível os destroços da muralha, a Porta da Vila, uma torre em ruínas, a cisterna conhecida como

o Poço do Rei, um armazém e uma casa de vigilância, para além de outros vestígios dispersos na sua envolvente.

Localização

***Para mais informação sobre outros recursos patrimoniais e serviços turísticos.**

➡ <https://www.visitportugal.com/es/search/site/almeida>

<https://www.cm-almeida.pt/conhecer-almeida/>

CIUDAD RODRIGO

Desde o início do conflito a cidade converte-se numa peça estratégica, não só pela sua privilegiada localização, junto à fronteira portuguesa, mas também pelo facto de que a Junta Suprema de Castela se afirma nesta posição, convertendo num ponto de atração para as tropas espanholas distribuídas nesta região. A praça sofreu dois assédios, o primeiro ocorreu entre o 26 de abril até ao 9 de julho de 1810 por parte das tropas francesas e o segundo entre o 7 ao 20 de janeiro de 1812, quando a força aliada ao mando de Wellington logra libertar a povoação.

No primeiro assédio o general Ney perante a negação do governante militar Herrasti em render-se, arrasou a cidade com bombardeamentos desde a colina de São Francisco, mas sem alcançar o seu objetivo decidiu regressar a Salamanca de onde tinha partido.

Reforçadas as tropas napoleónicas com os mariscais Junot e Masséna, Ney iniciou um novo ataque no dia 25 de abril de 1810 até conseguir a vitória a 10 de julho com a rendição da praça. Devido à demora em conquistar a praça, Wellington aproveitou esse período para concluir a construção das *Linhas de Torres Vedras* para evitar o avanço francês até Lisboa.

Precisamente foi o general britânico que reconquistou a praça passado quase dois anos, pagando um elevado preço com a morte de dois dos seus generais, Crawford e Mackinnon, junto com um elevado número de soldados e população civil.



Ciudad Rodrigo. Fotografía Manuel J. Prieto (CC BY 2.0)

Centro de Interpretação das Fortificações de Fronteira

O Centro de Interpretação da Rota das Fortificações de Fronteira está localizado no exterior da muralha e ocupa os corpos de guarda de São Pelaio e do Conde (junto às portas do mesmo nome) localizadas no passeio de Fernando Arrabal. Para além de incluir o tramo do caminho compreendido entre os edifícios, no qual lhe foi atribuído o nome de Passeio das Guarnições.

O Centro oferece ao visitante um amplo percurso pela história da comarca e de algumas das vizinhas localidades portuguesas. Através da evolução das construções defensivas, proporciona ao visitante uma interessante visão da história e dos acontecimentos militares que ocorreram por estas terras.

A visita começa no Corpo de Guarda da Porta do Conde. O edifício está dividido em várias salas onde expõe a evolução das construções defensivas desde a Pré-história até ao século XVIII. Este percurso realiza-se de forma gratificante, através de maquetes, jogos interativos, planos e por uma interessante exposição de uniformes que permite que o público os experimente.

O próximo tramo do percurso é o Passeio das Guarnições que se situa ao ar livre na parte exterior da muralha. Neste espaço expõem-se seis recriações de episódios bélicos realizados com figuras de aço em tamanho natural, acompanhados com os próprios sons da batalha. Representam técnicas de ataque e armamento dos exércitos romanos e medievais, assim como do Terço de Flandes e das tropas napoleónicas.

A visita termina no Corpo de Guarda da Porta de São Pelaio onde podemos contemplar um interessante audiovisual (com legendas em português, inglês e francês). Neste vídeo observamos a evolução das fortalezas e dos recintos defensivos através dos acontecimentos militares que ocorreram por estas terras.

[Localização](#)

As muralhas

As construções das muralhas com mais de dois km de perímetro iniciam-se no século XII durante o reinado de Fernando II de León. Durante o séc. XVIII mandou-se construir os baluartes exteriores, porém, durante o conflito com o exército francês a muralha sofreu muitos danos. Atualmente conta com cinco portas: a do Sol, do Conde, da Amayela, da Sancti Spiritus, da Colada e de Santiago. No decorrer da muralha existem alguns painéis que recordam algumas das personagens caídas durante a disputa, como o general Crawford, junto da **Brecha Pequena** e o general Mackinon na **Brecha Grande**.

Na muralha, no final da antiga rua, encontra-se a Porta do Rei que foi fechada há séculos para impedir a entrada em tempos de guerra; sobre esta existia um torreão de defesa que acabara por desaparecer durante a Guerra da Independência.

Pelo facto de o inimigo ter conseguido entrar por este lugar, este ponto da muralha é conhecido como a **Brecha**, por ser considerado o local mais vulnerável da cidade. A Brecha Grande localizada de frente da **Colina de São Francisco** foi abatida com canhões, que não só atingiram a muralha, mas também a fachada da catedral.

No centro da praça acha-se o **monumento em homenagem ao General Pérez de Herrasti** e aos heróis da Independência construído em 1836. E também junto à antiga Porta do Rei está o mausoléu de **Julián Sánchez, El Charro**, onde repousam os seus restos mortais.

[Localização](#)

Castelo Enrique II de Trastámara

Mandado construir por Fernando II de León no século XII sobre uma primitiva fortificação. Em 1372 será reconstruído por Enrique II de Trastámara. Relewa a Torre de Menagem de dois andares, envolvida pela muralha com torres de defesa. A finais do séc. XV construiu-se as muralhas urbanas sob o mando do arquiteto Juan de Cabrera, acrescentando igualmente um segundo

perímetro amuralhada de formato ovalado em volta da cidade. Foi sede do Museu Regional da Ciudad Rodrigo entre 1928 e 1936, e desde 1929 funciona como Pousada Nacional.

[Localização](#)

Quartel de artilharia

Construído no s. XVIII para albergar os canhões e outros utensílios de artilharia durante os tempos de paz. Está formado por dois pátios interiores com decoração austera que se concentra principalmente no pórtico barroco.

[Localização](#)

Capela de Cerralbo

Erguida no séc. XVI pelo Cardeal Francisco Pacheco de Toledo como panteão da família Pacheco. Concebida como um majestoso mausoléu junto à catedral, depois da negação por parte do cabide em construir uma capela na girola da catedral. Num edifício do estilo herreriano realizado por Juan Ribero Rada que começou a ser construído em 1585 e finalizado em 1685. Apresenta planta em cruz latina de uma só nave com cúpula e lanterna no cruzeiro. Durante a Guerra da Independência foi utilizada pelo exército francês como polvorim, fazendo explodir a pólvora em 1818 causando grandes prejuízos. A lanterna teve que ser integralmente reconstruída em 1889, destacando no interior da capela, o retábulo de Alonso Balbás e o da Imaculada da autoria de Domingo Martínez.

[Localização](#)

Ruínas do convento de São Francisco

O convento de São Francisco fundado no séc. XIII, sofreu graves danos durante a ocupação da Ciudad Rodrigo. Desta primitiva estrutura sobreviveu parte do cruzeiro e a capela do bispo de Zamora, António de Águila, onde o seu escudo embeleza a fachada. De influência renascentista, daqui procedeu o famoso Calvário de Juan de Juni, atualmente custodiado pelo Museu Nacional

de Escultura de Valladolid. Durante o assédio o cenóbio converteu-se num hospital improvisado onde acabara por falecer o general Crawford depois de ser ferido na Brecha Grande.

Hoje em dia o convento adaptou-se para receber salas expositivas temporais onde podemos observar registos fotográficos e algumas mostras arqueológicas.

Localização

Outros monumentos de interesse na localidade:

- **Catedral de Santa Maria**

- A sua construção foi impulsionada por Fernando II de León e continuada pelos seus sucessores entre os séculos XII ao XIV. Pertence ao “grupo de Salamanca” juntamente com a Sé Velha de Salamanca, a Catedral de Zamora e a Colegiada do Toro. Apresenta planta em cruz latina com três naves, cruzeiro e cabeceira de três absides escalonadas e na nave central acha-se o coro realizado por Rodrigo Alemán. Contém três pórticos de acesso: o Pórtico do Perdão, a Porta das Correntes e a Porta do Ensolado ou das Amayuelas. Na fachada principal são visíveis as marcas do conflito com o exército francês.

- **Museu diocesano e catedralício**

- O museu inaugurado em 1992 sofreu remodelações no século XXI e conta com coleções de arqueologia, elementos litúrgicos, esculturas, pinturas de valor, para além da recriação das tábuas do antigo retábulo de Fernando Gallego.

- **Hospital da Paixão (antiga Sinagoga)**

- No século XVI construiu-se um hospital no antigo bairro judio da cidade, sobre a antiga sinagoga e algumas vivendas. Conserva uma fachada classicista com o escudo da Paixão. Destaca a capela onde está presente um Calvário realizado pelo artista italiana Lucas Mitata e de Juan Remesal.



Ciudad Rodrigo. Fotografía Santiago López-Pastor (CC BY-ND 2.0)

***Para mais informação sobre outros recursos patrimoniais e serviços turísticos.**



<https://www.viveciudadrodrigo.com/patrimonio-ciudad-rodrigo.asp>

<http://turismociudadrodrigo.com>

SALAMANCA

Na primeira invasão francesa de Portugal, Salamanca não sofreu os rigores da ocupação, porém posteriormente devido ao seu protagonismo na disputa e à sua posição estratégica incidiram de forma negativa na cidade. Destruíram as muralhas medievais, assim como algumas vivendas, palácios ou conventos que ocupavam as encostas envolventes do burgo para construírem diferentes fortificações. Em janeiro de 1809, as tropas que entraram na cidade, construíram três fortes nas edificações dos Conventos de São Vicente, São Caetano e da Merced. A construção e o posterior assédio a estes fortes por parte dos aliados a princípios do verão de 1812, foram dos acontecimentos mais destacáveis na cidade durante a guerra. Wellington acaba por libertar a cidade, mas com o custo de destruir grande parte do seu património.

Da presença francesa temos também alguns espaços erguidos durante este período, como por exemplo quando o governador Thiebault, decide criar a Praça de Anaya. Para o seu efeito mandou derrubar casas e ruas localizadas entre o colégio de São Bartolomeu, local onde residia, e a catedral nova.

A cidade de Salamanca possuidora de um diverso património é atualmente considerada Património da Humanidade. Citamos alguns dos espaços mais emblemáticos:

Catedral Velha e Catedral Nova, Igreja da Vera Cruz, Casa das Conchas, Palácio de Monterrey, Convento das Agostinhas e Igreja da Puríssima, Escolas Menores da Universidade, Casa das Mortes, Praça Maior, Casa de Dom Diego Maldonado, Torre do Aire ou Palácio Famoselle, Igreja do Sancti Spiritus, Palácio da Salina, Torre do Clavero, Colégio de Calatrava, Colégio de Anaya, Ponte romana sobre o Rio Tormes, Edifício Histórico da Universidade, A Clerecía, Colégio dos Irlandeses ou do Arcebispo Fonseca, Palácio de Figueroa, Igreja de São Martim, Igreja de Santo Tomás Cantuariense, Igreja de Santiago, Convento das Donas, Convento da Santa Úrsula, Casa de Santa Teresa, Casa da Dona Maria Brava, Casa dos Abarca, Fachadas do Palácio de Garci-Grande, Convento dos Capuchinos, Vestígios do Convento de Santo António El Real, Igreja de São Julian, Vestígios da Igreja de São Polo, Convento de Santa Clara.



Panorâmica de Salamanca

Outros monumentos de interesse na localidade:

- **Sé Velha de Salamanca**

- A Sé velha de Salamanca começou a ser construída no ano de 1140 e estima-se que demorou um século em estar concluída. No seu conjunto é considerado um edifício de estilo românico, apesar de ser visível alguns elementos góticos como as abóbadas. Um dos elementos mais destacáveis da Sé Velha é o seu zimbório, conhecido como a Torre do Galo, denominação que se deve à veleta em forma de galo que coroa a cúspide do zimbório. O zimbório de forma cónica está decorado com escamas e forma parte dos “zimbórios do Douro”, grupo ao qual pertence o da Catedral de Zamora e Plasencia e o zimbório da colegiada do Toro. As características comuns destes zimbórios são: exemplo do românico de transição, decoração em escamas e uma clara influência francesa. O pórtico principal da Catedral está semioculto pelas obras que se realizaram na Torre do Campanário depois do terramoto de Lisboa de 1755. No interior, destaca a capela-mor com a presença do retábulo realizado pelos irmãos Delli. Dito retábulo é constituído por 53 tábuas com representações da vida da Virgem Maria e é rematado pelo Juízo Final. Encontramos numerosas capelas entre as quais temos de mencionar a capela de São Martim ou do Azeite, que recebe este nome pelas pinturas góticas onde se representa o episódio de São Martim quando rasga a capa para a dividir com um pobre. Por sua vez, o claustro que vemos atualmente é do século XVIII, pois o original ficou praticamente destruído depois do terramoto de Lisboa. Neste destaca a capela de São Salvador ou Talavera que é a mais antiga, datada do século XIII, foi fundada pelo Rodrigo Arias Maldonado onde voltou a celebrar nesta capela a missa segundo o rito mozárabe. Por curiosidade ao centro desta capela encontra-se o sepulcro do fundador e ao lado o do seu sobrinho Pedro Maldonado, um dos comuneiros. É uma das maiores capelas presente no claustro de Santa Catarina. Por sua vez, as salas capitulares acolhem parte do Museu Catedralício.

- **Catedral Nova de Salamanca**

- Os gostos mudam e com a passagem do tempo fez com que a Sé Velha ficasse pequena e antiquada, por isso para dar resposta às novas necessidades e seguindo os modelos que se viviam em outros lugares, começou-se a erguer em 1513 a nova Catedral para a cidade de Salamanca. Respeitando o antigo templo, o novo construiu-se adossado, seguindo o

estilo gótico convertendo-se na construção mais tardia de influência gótica em Espanha. A construção foi promovida pelo cabido catedralício e pelos próprios Reis Católicos que promoveram as obras de um edifício que só estaria concluído em 1733, quase dois séculos depois do seu início. A catedral consta de três naves, a central mais elevada que as laterais onde dispõe um conjunto de capelas que conformam a Seo salmantina. As três naves estão constituídas por dois níveis, o primeiro com arcos ogivais e o segundo com grandes vãos responsáveis de dotar de luz o interior do edifício, vãos esses que vieram de Flandes e que exibem cenas Bíblicas. No cruzeiro encontramos o majestoso zimbório. Numerosos artistas foram responsáveis ao longo dos séculos pela construção da catedral: Juan e Rodrigo Gil de Hontañón, Juan de Álava, os irmãos Churriguera, etc. No exterior, devemos reparar na fachada principal repleta de detalhes e relevos com episódios do Nascimento, Epifania e do Calvário. O famoso astronauta situa-se na chamada Portada de Ramos, este acréscimo moderno realizou-se em 1993 como complemento do programa iconográfico. No interior da catedral não podemos deixar de admirar o seu maravilhoso coro, um conjunto barroco realizado entre 1710 e 1733 onde destaca a espetacular gravura de todas as cenas. Na retaguarda do coro evidência as figuras da Virgem e São João realizadas por Juan de Juni. Na Capela-mor, obra do século XVIII, sobressai a abóbada policromada. Numerosas são as capelas laterais que podemos percorrer na catedral destacando: a capela dourada e a capela de Cristo das Batalhas, imagem que o primeiro bispo salmantino levava quando acompanhou o Cid a Valencia.

- **Igreja da Vera Cruz**

- Dita igreja começou a erguer-se no século XVI e desta época ficou apenas o pórtico desenhado por Rodrigo Gil de Hontañón. Será reformada no século XVIII no qual lhe atribuiu um aspeto barroco. Trata-se de um edifício de três naves com cúpula sobre pendentes. No interior realça o seu maravilhoso retábulo da autoria de Joaquin Churriguera onde podemos contemplar a imagem da Imaculada Conceição criada por Gregorio Fernández. Atualmente a igreja é propriedade da Confraria da Santa Cruz do Redentor e da Puríssima Conceição, a qual em Semana Santa salmantina sai em procissão com um fragmento da cruz de Cristo.

- **Casa das Conchas**

- A Casa das Conchas começou a ser construída em 1413 por petição de Rodrigo Maldonado de Talavera e o seu filho Rodrigo Arias Maldonado daria continuidade a obra até à sua conclusão em 1517. Estamos perante um edifício do estilo gótico já tardio onde são visíveis elementos platerescos. Sem dúvida, a sua fachada converteu-se no elemento mais destacável e admirável, uma vez que está decorada com mais de 300 conchas e diferentes escudos. As conchas foram colocadas em losango seguindo as tradições mudéjares o que nos permite ver um modelo inovador dentro do estilo renascentista. Do exterior não podemos deixar de mencionar o seu fantástico portão de ferro forjado, catalogado por alguns como a melhor mostra de forja gótica espanhola. A Casa das Conchas está incluída no modelo de palácio urbano próprio do século XVI e contava com uma torre senhorial que foi demolida por ordem de Carlos I, como represália aos comuneiros, Pedro e Francisco Maldonado. São diversas as lendas e curiosidades que envolvem a Casa das Conchas, existindo a lenda de que debaixo de cada concha há uma onça de ouro (conta a tradição que esta era uma prática habitual para atrair a boa sorte), pelo qual o edifício guarda grandes tesouros. No ano 1701 a Casa passa por um processo de reforma e aumento, resultando a criação da fachada que dá acesso à Rua. O palácio foi utilizado como prisão da Universidade e desde 1993 custódia a Biblioteca Pública do Estado.



Casa das Conchas. Fotografia de Jose Luis Cernadas Iglesias (CC BY 2.0)

- **Palácio de Monterrey**

- Encontramo-nos perante um dos edifícios mais representativos do renascimento espanhol, até ao ponto de servir posteriormente de inspiração para o estilo neoplateresco e para muitos outros edifícios do século XX que tomaram como modelo este palácio. O edifício foi mandado construir por Alonso de Zuñiga e Acevedo Fonseca III conde de Monterrey, que esteve ao serviço do imperador Carlos V. A obra foi encomendada a Rodrigo Gil de Hontañón e o palácio de Monterrey desenhou-se como um edifício de planta quadrada com torres nos ângulos e um pátio central, mas devido aos problemas económicos só foi possível erguer a ala sul. Quando quiseram retomar a obra foi impossível porque os espaços adjacentes ao palácio foram adquiridos para levantar a igreja de Santa Maria dos Cavalheiros. Como facto curioso podemos dizer que o escritor salmantino Diego Torres de Villaroel morreu entre os muros do palácio. Na atualidade o palácio de Monterrey é propriedade da Casa de Alba e no interior podemos encontrar numerosas peças artísticas.

- **Convento das Agostinhas e igreja da Puríssima**

- Declarado Monumento Nacional em 1935, o conjunto monástico fundou-se de frente para o palácio do seu promotor Manuel Alonso de Zúñiga Acevedo e Fonseca, VI Conde de Monterrey, Vice-rei de Nápoles. No ano de 1626 na noite de São Policarpo o rio Tormes sofre uma forte inundação que provocou milhares de mortes e afetou numerosas infraestruturas, entre elas o convento das Agostinhas. Por esse motivo dez anos mais tarde Manuel de Z  niga inaugura o convento para acolher a sua filha. A igreja da Puríssima foi projetada para albergar o panteão da família, destaca pela sua austeridade que se v   quebrada pelo retábulo-mor presidido pela Imaculada Conceição de José de Ribera. Envolvendo a Imaculada encontramos outras quatro obras, a Piedade também de Ribera e um São Agostinho que é atribuído a Rubens. O convento onde se v   uma clara influência dos modelos italianos foi finalizado no século XVIII por Joaquín de Churriguera. A cúpula que observamos é uma reconstrução do século XVII pois a original desmoronou-se. Para além dos objetivos religiosos a construção destes complexos demonstrava o interesse de mostrar o poder e o prestígio dos seus fundadores.

- **Escolas Menores da Universidade**

- Dito edifício acolheu o que se conhecia como as aprendizagens menores, isto é, os estudos prévios para a obtenção do título de licenciatura. O edifício que começou a

construir-se em 1428 organiza-se em volta do pátio central, contudo a fachada da entrada é bastante estreita. Em um dos compartimentos do edifício encontramos o famoso “Céu de Salamanca”, uma pintura renascentista que decorava a antiga Biblioteca das Escolas Maiores da Universidade de Salamanca. A pintura foi realizada por Fernando Gallego e fazia parte de um conjunto de outras representações que acabaram por desaparecer. Na tela encontramos temas astronómicos e astrológicos, onde podemos observar quatro cabeças que representam os Ventos, o Sol, Mercúrio e os signos do Zodíaco.

- **Casa das Mortes**

- Muitas lendas envolvem este edifício que recebeu o nome pelas caveiras que podemos observar nas janelas da casa. Fala-se de várias mortes que ocorreram no seu interior o que gerou diversas curiosidades que começaram a fazer parte da história da cidade. Construída com a característica pedra das pedreiras de Villamayor, foi desenhada pelo arquiteto Juan de Álava no estilo plateresco. Vários medalhões decoram a fachada, evidenciando aquele que contém a efígie do arcebispo Alfonso de Fonseca acompanhado com a inscrição “Severísimo Fonseca Patriarcha Alexandrino”. No edifício localizado em frente, foi a moradia do escritor Miguel de Unamuno desde 1930 até à sua morte, por esse motivo deparamos com uma estátua dedicada ao vasco.

- **Praça Maior de Salamanca**

- A praça que vemos atualmente construiu-se sobre uma outra, a Praça de São Martim, espaço de feira e vendas da cidade durante o século XIV e XV. Conhecemos a sua fisionomia graças às descrições deixadas pelos viajantes que percorriam Espanha entre os séculos XV e XVI. Perante o crescimento da cidade e as alterações dos gostos e modas, começam a surgir petições para reformar a praça de forma a aumentá-la e regularizá-la. Depois de ouvir as exigências da necessidade de uma nova praça o rei Felipe V assina a ordem para dar início às obras. A construção da nova praça inicia-se a 10 de maio de 1729 sendo promotor o corregedor Rodrigo Caballero de Llanes e o autor inicial Alberto Churriguera, que ao morrer foi substituído por Andrés García de Quiñones. No procedimento de dar forma à nova praça encontramos várias etapas: a primeira corresponde à construção do Pavilhão Real e de São Martim, porém durante 15 anos as obras estiveram paradas, e foram retomadas com o levantamento do edifício consistorial (que alberga o relógio e a Câmara Municipal) e o de Petrineros (recebe este nome porque

originalmente aqui se localizavam os responsáveis de trabalhar o couro). A praça planificou-se muito maior, mas devido aos problemas com os proprietários dos lotes fez com que paralisasse o seu aumento, da mesma forma também não se colocaram as torres que ia estar localizadas ao lado do edifício consistorial. A pedra arenisca utilizada foi retirada das pedreiras de Villamayor, de aí a sua peculiar cor avermelhada. Construída no estilo churrigueresco, esta praça porticada com 88 arcos em volta perfeita e 477 balcões, está decorada com medalhões com a efigie de diferentes personagens históricas, como dos Reis Católicos e de Bernardo del Carpio, herói da batalha de Roncesvalles. Definitivamente, figuras ilustres da história de Espanha e de Salamanca. De muitos factos históricos foi testemunho a Praça Maior de Salamanca durante a revolta do dois de maio, como por exemplo quando os estudantes salmantinos picaram o medalhão onde estava a imagem de Godoy. Também as tropas do Duque de Wellington combateram contra as tropas napoleónicas que estavam assentes no conhecido Forte de São Caetano, desde esse ponto lançaram artilheria que acabaria por cair na praça. O duque de Wellington conta também com um medalhão na praça como agradecimento da sua coragem em libertar a cidade de Salamanca. A praça foi também cenário da Guerra Civil, a 19 de julho de 1936 quando o general Saliquet define o grupo de guerra, trasladando o quartel-general das tropas sublevadas a Salamanca e o bando rebelde instala-se no Gran Hotel da cidade. A Praça Maior de Salamanca converteu-se em paragem obrigatória de todo aquele que visita a cidade, sendo um dos centros sociais mais importantes.

- **Casa de Dom Diego Maldonado**

- Obra de Juan de Álava, este edifício do estilo plateresco era propriedade de Diego Maldonado Rivas, ajudante do arcebispo Fonseca. Realça a sua simples fachada com a ornamentação concentrada na parte central onde podemos ver na parte superior, o escudo dos Maldonado, dos Rivas e de Morille, sobre parte do emblema de Fonseca. Atualmente acolhe no seu interior o Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Salamanca.

- **Torre do Ar ou Palácio Fermoselle**

- O palácio Fermoselle também conhecido como o palácio das Quatro Torres, recebe este nome não porque teve quatro torres, mas sim porque pertenceu ao barão das Quatro Torres. O único elemento que ainda sobrevive deste antigo palácio é a torre do Ar. Deparamo-nos perante o modelo do palácio-fortaleza erguido numa época turbulenta de

sucessivas guerras entre famílias nobres. Dentro dos bandos que existiam na cidade de Salamanca o palácio encontrava-se no bando de São Tomé. O seu carácter defensivo faz com que tenha um aspeto sombrio, com poucos vãos, mas onde ainda destaca uma das janelas rasgada por uma coluna decorada com belas filigranas. No século XVIII serviu como fábrica de panos, também como lugar de caridade e, na atualidade, acolhe uma residência feminina. O escritor Torrente Ballester atribuiu o nome desta torre “Torre do Ar” a uma série de artigos que escreveu para um jornal madrileno.

- **Igreja do *Sancti Spiritus***

- O que vemos hoje é o único testemunho do mosteiro de Sancti Spiritus. A igreja foi fundada como paróquia e posteriormente é entregue por Alfonso IX à ordem de Santiago. Martín Alfonso, filho ilegítimo do dito rei, solicitou ao mestre da Ordem que a igreja fosse cedida ao convento das Donas, que receberam o título de Comendadoras. Estas eram viúvas dos cavaleiros que iam para a guerra e que ao enviuar acabavam por ir para o mosteiro juntamente com todo o seu património. Depois da Desamortização de Mendizábal o mosteiro teve diferentes usos, foi prisão, auditório, etc. Foi completamente destruído em 1965, ficando como vestígio a sua maravilhosa igreja. O templo é um bom modelo de união entre o estilo gótico final e os princípios renascentistas. Tem nave única e está constituída por uma série de capelas de tipo nicho entre os contrafortes, entre as que destaca um teto em caixotões de influência mudéjar do século XV. Não podemos esquecer das sepulturas dos diferentes membros da realeza como Martín Alfonso. No exterior realça a portada renascentista onde entre os medalhões de São Pedro e São Paulo encontramos a Santiago na batalha de Clavijo.

- **Palácio da Salina**

- Este edifício que hoje é sede da Disputação Provincial foi um depósito de sal, e isso fez com que este palácio ficasse conhecido como o palácio da Salina. Dita casa palaciana foi mandada construir por Rodrigo de Messia, o senhor da Guarda, que após a sua morte cedeu o palácio ao seu segundo filho Juan Alonso de Fonseca. No edifício de estilo plateresco, destaca o seu pátio com arcos e capitéis decorados com figuras grotescas. Para explicar a existência destas figuras criou-se uma lenda ligada ao arcebispo Fonseca, nela conta que o arcebispo chegou a Salamanca acompanhado da sua amante para assistir ao concílio, mas nenhum nobre os quis acolher e Fonseca furioso mandou construir este palácio e nele plasmou através destas figuras a sua raiva.

- **Torre do Chaveiro**

- O que hoje podemos admirar é a única marca que chegou do palácio que foi mandado construir por Francisco de Sotomayor, chaveiro da Ordem de Alcântara. O chaveiro, era o responsável de custodiar as chaves que abriam as fortalezas e os arquivos que dispunha a Ordem. Dita torre é um dos pontos mais conhecidos da cidade de Salamanca e chega a alcançar uma altura de 28 metros. A base da torre é quadrangular, mas termina numa forma octogonal, sendo a parte superior a mais destacável devido à decoração com arcos e cornijas e pelo escudo dos Sotomayor.

- **Colégio de Calatrava**

- Também conhecido como o Colégio da Imaculada Conceição, foi propriedade da Ordem de Calatrava, atual sede da Diocese de Salamanca. O primeiro arquiteto responsável de erguer o dito edifício foi Joaquín de Churriguera, depois da sua morte a obra passa para a responsabilidade de García de Quiñones, porém com a alteração dos gostos e com a influência dos padrões neoclassicistas que imperavam no momento, acabaram por eliminar do edifício os elementos barrocos. Um facto curioso é que durante a Guerra da Independência foram roubadas duas pinturas de Francisco de Goya que decoravam o retábulo presente na Capela-mor da Colegiada de Calatrava.

- **Colégio de Anaya**

- Salamanca é conhecida como uma cidade universitária, por esse motivo o colégio ou o palácio de Anaya aloja no seu interior a Faculdade de Filologia. Até ao século XVIII foi Colégio Maior, o primeiro de Espanha. O edifício que vemos hoje substitui o anterior edifício do Colégio Maior de São Bartolomeu, que ficou bastante arruinado depois do terramoto de Lisboa. A edificação foi levantada seguindo as diretrizes de José de Hermosilla e o responsável de executá-lo foi Juan de Sagarvinaga. As obras começaram em 1760 e acabaram em 1778, deixando de lado o estilo barroco planeou-se um impressionante edifício neoclassicista. A fachada principal do palácio abre-se desde a invasão francesa para a chamada praça de Anaya e imita os pórticos dos templos romanos: colunas lisas, capitel, entablamento, frontão triangular. O interior organiza-se em volta de um pátio central de dois andares. Junto ao Colégio que é utilizado para dar aulas, foi anteriormente uma hospedagem para alojar os estudantes com menos recursos, que pagavam os seus estudos servindo os alunos mais poderosos. Como facto curioso podemos dizer que a cafetaria da faculdade se localiza no que eram as antigas cavaliarias.

- **Ponte romana sobre o Rio Tormes**

- Já na época romana, Salamanca ou Hemantica era um lugar estratégico. Localizada na margem do rio Tormes, o abastecimento de água estava garantido, mas cruzar o rio supunha um obstáculo para os viajantes. Por esse motivo ergueu-se esta infraestrutura, que facilitava o trânsito a todo aquele que tomava a Via da Prata desde Emérita Augusta (Mérida) com Asturica Augusta (Astorga). A data da construção não se conhece com exatidão, alguns historiadores situam entre os imperadores Augusto e Vespasiano e outros entre Trajano e Adriano. Devido às fortes correntes esteve sujeita a diversas reformas ao longo de toda a história, uma das primeiras que temos conhecimento ocorreu em 1256; a mais grave sucedeu em 1626, conhecida como inundação de São Policarpo, fez com que quatro arcos da ponte desaparecessem, deixando a cidade incomunicante. Dita ponte foi cenário de conflitos bélicos e durante a Guerra da Independência converteu-se num objetivo militar por parte dos dois bandos. Precisamente antes da Batalha dos Arapiles, o duque de Wellington conseguiu ter o controlo da ponte e desde esse lugar estratégico foi capaz de dirigir o ataque contra os franceses. A ponte é de pedra e conta com 26 arcos, mas aparentemente da primitiva construção romana só sobreviveram 15 arcos. Junta a ponte encontramos o berrão decapitado que tem o seu protagonismo na obra “El lazarrillo de Tormes”.

- **Edifício Histórico da Universidade**

- O Estudo Geral de Salamanca foi fundado pelo rei Alfonso IX de León a partir das escolas catedráticas já existentes. Enquanto o rei Alfonso X colocou-a entre as universidades mais importantes da Europa juntamente com a de Oxford e de Bolonha, entre outras. No século XVII sofreu um declive, vendo um novo renascer no século XX à mão de Miguel de Unamuno. A construção do edifício atual começou em 1415 ao encargo de Alonso Rodríguez e foi expandido ao longo do tempo, aumentando à medida que as necessidades assim o requeriam. Sem dúvida, o ponto mais destacável e admirável da universidade é a sua fachada. Realizada entre 1529 e 1533, foi catalogada como uma das obras mestres da arte plateresco em Castela. Seguindo o modelo retábulo a fachada está constituída por três corpos separados por frisos onde se dispersa toda a iconografia. No primeiro espaço está o retrato dos Reis Católicos junto com a legenda “Los Reyes a la Universidad y está a los Reyes”. No segundo, observamos um escudo com a águia de São João e com a águia bicéfala junto à efígie de Carlos V e da sua mulher Isabel de Portugal. No nível superior, podemos reparar num sumo pontífice, alguns vêm Benedito XIII e

outros Martim V. A referida figura sentada no seu cadeiral encontra-se rodeada de outras personagens entre as quais podemos assinalar os diferentes deuses romanos. Mas o que fez com que a fachada e a cidade fossem um símbolo foi a famosa rã, colocada como aviso aos estudantes e como símbolo do pecado da luxúria unido à morte, onde surge pousada em cima de uma caveira.

- **A Clerecía**

- É o nome que recebe o Colégio Real da Companhia de Jesus, que foi mandado construir por Margarita de Áustria, esposa do rei Felipe II. As obras que foram iniciadas por Juan Gómez de Mora estenderam-se por mais de 150 anos. Foi colégio e residência dos Jesuítas, mas depois da sua expulsão por mando de Carlos III, o edifício passou a fazer parte da Real Clerezia de São Marcos, sendo atualmente sede da Universidade Pontifícia de Salamanca. Podemos dizer que um dos pontos mais destacável da igreja é a sua fachada formada por três corpos, onde no primeiro achamos a imagem de São Ignacio de Loyola. Do interior devemos mencionar o retábulo barroco do século XVII. Merece igualmente a nossa atenção o seu pátio barroco, assim como a escadaria de honra.

- **Colégio dos Irlandeses ou do Arcebispo Fonseca**

- Conhecido também como o Colégio Maior de Santiago, o Zebedeu, foi fundado pelo arcebispo Alonso de Fonseca. O apelido “irlandeses” é lhe atribuído pelo motivo de acolher católicos que fugiam das guerras religiosas da Irlanda. Primeiramente planificou-se como um lugar de acolhimento dos estudantes com escassos recursos, mas rapidamente converteu-se num símbolo de poder, constituindo um dos quatro Colégios Maiores. No século XIX foi um Hospital e atualmente é uma residência que acolhe também ações culturais. Na sua realização participaram entre outros, Diego de Siolé e Rodrigo Gil de Hontañón. Trata-se de um simples edifício plateresco, onde a fachada é bastante sóbria e o seu interior organiza-se em volta de um pátio central.

- **Palácio de Figueroa**

- Este edifício acolhe o atual Casino da cidade de Salamanca. O proprietário do palácio foi Juan Rodríguez de Figueroa. Alguns investigadores assinalam como artifice desta obra o Rodrigo Gil de Hontañón com fundamento das semelhanças com outros edifícios da sua autoria. O palácio conta com duas fachadas bastante similares na sua traça que expõem o escudo de armas dos Figueroa e Rodríguez de Ledesma. O palacete localiza-se

em um dos lugares mais privilegiados da capital salmantina entre a rua Concejo e a rua Zamora.

- **Igreja de São Martim**

- A igreja de São Martim foi erguida no século XII e é considerada um dos edifícios românicos que a cidade de Salamanca ainda conserva. O templo sofreu numerosas intervenções e é pouco visível entre os imóveis modernos, pois localiza-se detrás da Sé Velha. A sua planta é basilical de três naves, rematadas em absides semicirculares, invisíveis do exterior pelas edificações adossadas, carece de cruzeiro e de cúpula. Os acréscimos barrocos ocultam dois dos três pórticos românicos. Hoje só se conserva a denominada Porta do Bispo, com excelente decoração vegetalista e figurativa e com uma escultura policromada de São Martim a cavalo no momento em que rasga a capa para a dividir com um mendigo. A igreja já sofreu numerosas reformas, as abóbadas da nave central caíram no século XVIII e num incêndio que ocorreu em 1854 destruiu o retábulo-mor atribuído à escola de Gregorio Fernández que acabou por ser substituído por um outro da autoria de Joaquín de Churriguera.

- **Igreja de São Tomás Cantuariense**

- Trata-se de um edifício românico de finais do século XII. Foi o primeiro templo dedicado a Tomas Becket fora do território inglês. A igreja que vemos atualmente é de nave única, porém foi projetada como uma igreja de três naves, a prova disso é a cabeceira tripartida que ainda conserva. Foi erguida com a característica pedra arenisca de cor avermelhada. O pórtico está colocado na fachada norte e do interior o que mais se destaca é a sua sobriedade onde prima a arquitetura sobre a escultura, observando praticamente a ausência de decoração. As absides estão cobertas com abóbadas de berços, enquanto o presbitério e a nave do cruzeiro com abóbadas ogivais. Ainda se conserva algumas das pinturas góticas do século XVI.

- **Igreja de Santiago**

- A Igreja de Santiago de Arrabal, está localizada junto à ponte romana e é um dos edifícios mais antigos de Salamanca. Construída em ladrilho enquadra-se no catálogo como “românico-mudéjar”. Na década de sessenta do século XX, o templo sofreu uma profunda restauração que transformou praticamente todo o edifício. Entre as curiosidades podemos dizer que juntamente com a Catedral esta igreja tinha direito de asilo. Segundo

Villar e Macías, a sua fundação deve-se a um membro da família dos Maldonado que sobreviveu na luta contra os mouros; e conforme Gómez Moreno foi fundada em 1145, adquirindo com o passar do tempo relevante importância na cidade; de facto, em virtude de um velho voto, a ela recorria o Município a cavalo no dia e véspera de Santiago, hábito que se manteve até ao século XIX.

- **Convento das Donas**

- O convento de Santa Maria das Donas é mais conhecido como “las Dueñas”. A promotora foi Juana Rodríguez Maldonado com o objetivo de acolher as nobres senhoras, mas rapidamente passou a alojar no seu interior as religiosas da Ordem de São Domingos, as dominicas. Do edificio original do estilo mudéjar no qual ainda podemos ver vestígios, pouco a pouco foram acrescentando espaços como a igreja do estilo gótico, o claustro renascentista e a portada plateresca. Um dos pontos mais destacáveis do convento das Donas é o claustro com planta pentagonal irregular, devido ao facto da sua construção ter de se adaptar às estruturas existentes.

- **Convento de Santa Úrsula**

- O Convento franciscano da Anunciação, mais conhecido como “Las Úrsulas”, foi fundado por Sancha Maldonado no século XV. Do edificio antigo nada se conservou, pois, perante a necessidade de ampliação foi reformado por ordem de Alonso de Fonseca, arcebispo de Santiago. Dito arcebispo tinha um claro interesse na promoção do convento, pois queria que a igreja se convertesse em uma capela fúnebre e assim foi visto que a sua sepultura é atualmente visível no centro da igreja. Estamos perante um edificio de nave única, sem capelas, com coro e com abóbadas de nervuras estreladas.

***Para mais informação sobre outros recursos patrimoniais e serviços turísticos.**



<https://www.salamanca.es/es/fondo-armario/cultura-y-patrimonio>

<http://www.versalamanca.com/monumentos.html>

ALAEJOS

Igreja paroquial do Apóstolo São Pedro.

Construída na primeira metade do séc. XVI exhibe evidências do gótico, do renascimento e do mudéjar. Apresenta planta de três naves, sendo a central ligeiramente mais elevada que as laterais e neste espaço interior realça o retábulo-mor de Juan Sáez de Torrecilla com episódios da Paixão.

Igreja paroquial de Santa Maria

Erguida no séc. XVI combina elementos góticos, renascentistas e mudéjares. A planta é de três naves com abóbadas em cruzaria que foram policromadas e decoradas com ouro por Francisco Martínez. O centro do cruzeiro e a capela-mor estão cobertos por armação mudéjar. A torre do campanário erigida no séc. XVIII, segue os princípios barrocos através de uma estrutura de quatro corpos rematada por uma espécie de minarete. Destaca o retábulo-mor dedicado a assunção da Virgem que foi realizado por Esteban Jordán.



Alaejos. Santa María. Fotografía Angel de los Rios (CC BY-SA 2.0)

TORO

Toro foi cenário de vários episódios que ocorreram durante a Guerra da Independência. Foi lugar de passagem do general Jhon Moore quando ia para Valladolid. Mas a cidade só veria o seu verdadeiro e importante protagonismo aquando da disputa.

Em 1812 ocorreu a batalha dos Arapiles. O exército francês de Portugal, sob o mando do mariscal Marmont estava aquartelado em Salamanca com uns 37.000 soldados, e após ser informado do avanço aliado, dirigiu-se até à localidade de Toro. Os aliados atacaram as fortificações salmantinas com bombardeamento de artilheria pesada. Marmont tentou regressar a Salamanca, mas já era demasiado tarde, sendo obrigado a retirar-se novamente para Toro e Tordesillas. No dia 22 de junho, depois de sucessivos ataques e contra-ataques em Arapiles, os franceses acabaram por retirar-se.

Passado alguns meses depois da vitória do exército de Lord Wellington sobre as tropas Napoleónicas, as tropas aliadas, perseguidas por Armée de Portugal, foram obrigadas a retirar-se até a Ciudad Rodrigo. Para garantir esta retirada, as tropas de Wellington, fizeram explodir a maioria das pontes sobre o rio Douro e Pisorga, incluso as do rio Toro.

No ano de 1813, entre o 2 ao 4 de junho, o general Lord Wellington, instalou o seu quartel-general em Toro, enquanto percorria as terras vallisotenas na procura dos exércitos imperiais que estavam ao mando do Rei José I, acabando por derrotá-los a 21 de junho às portas da Vitória.

Segundo os relatos e memórias dos testemunhos do juiz Lanpert e do britânico Forest, depois da guerra a maioria dos conventos de Toro foram destruídos, ficando a cidade desolada.

Ponte Maior de Toro

Conhecida também como “Ponte de Pedra”, foi construída em 1194 sobre uma antiga ponte romana. A sua configuração atual apresenta elementos de diferentes épocas e estilos, fruto das constantes reformas que sofreu entre os séculos XIV, XVI, XVII e as contemporâneas. Durante a Guerra da Independência, a 2 de julho de 1812, as tropas francesas destruíram dois arcos, com a intenção de que as tropas de Lord Wellington não fossem capazes de deslocar-se.

A ponte foi declarada em 2009 como Bem de Interesse Cultural dentro da categoria de Monumento. A sua feição é muito semelhante com a da ponte de Zamora e na atualidade encontra-se em desuso.

[Localização](#)

Colegiada de Santa Maria a Maior

Graça às doações de Fernando II de León, a colegiada foi construída entre a segunda metade do séc. XII e meados do séc. XIII. Segue o modelo da catedral de Zamora e de Salamanca. É de considerar que existem duas fases construtivas, realizadas por oficinas diferentes. O primeiro mestre trabalhou com pedra de cal branca e realizou a cabeceira, as portadas laterais, para além de planear que o espaço fosse coberto com abóbadas de cruzaria como é em Zamora e Salamanca. Porém, o segundo mestre que finaliza o templo, o cobriu com recursos mais arcaizantes, tendo a nave central e o transepto abóbada de canhão e utilizou como material a pedra arenisca avermelhada.

De planta em cruz latina com três naves, sendo a central mais larga que as laterais. O transepto destaca em planta e é da mesma largura que a nave central. A cabeceira está constituída por três absides semicirculares. Como em Salamanca tem uma torre adjacente à fachada principal no lado norte. A colegiada exhibe três pórticos românicos, sendo que os laterais se abrem ao centro das naves laterais. Destaca o pórtico da Majestade com elevados plintos e capiteis tardo românicos no arranque e a continuação da estrutura desenvolve-se num gótico primitivo.

O zimbório tem a sua origem na catedral de Salamanca, que por sua vez provém da de Zamora, formando deste modo “Os zimbórios do Douro”. O zimbório do Toro apresenta dois andares com forma prismática de 18 lados, destacando a sua articulação vertical, a decoração e as quatro colunas nos ângulos.

Localização

Alcácer de Toro

A construção primitiva é do séc. X, porém com o decorrer dos anos foi sujeita a numerosas remodelações. De planta quadrangular, as muralhas defensivas estão flanqueadas por sete torreões. Foi residência de Juan II de Castilla quando assistia as Cortes. Foi também protagonista da Guerra da Sucessão, mais concretamente na Batalha de Toro em 1476. No séc. XVI deixa de ser residência real o que leva ao seu declive. Em 1931 é declarado Monumento Histórico Artístico.

Localização

Mosteiro de Sanctis Spiritus o Real

Fundado por Teresa Gil em 1307, logo em 1345 a igreja estava terminada, assim como o coro do mosteiro, o claustro principal e a sala capitular. Durante o séc. XVI contou com a presença da rainha Beatriz de Portugal, cônjuge de Juan I de Castilla, e de Leonor Sánchez filha de Sancho de Castilla. Em 1686 durante o Sexénio revolucionário, as freiras dominicanas tiveram que abandonar o mosteiro, regressando em 1871 quando já tinham desaparecido várias obras artísticas. Em 1943 foi declarado Monumento Histórico Artístico.

A igreja exhibe uma planta de nave única com cabeceira mais estreita e mais elevada do que a referida nave. O segundo tramo da nave comunica com o claustro através de uma porta ogival. A igreja está coberta por um teto mudéjar com armação em madeira policromada, que contém os escudos dos reinos de Castela e Leão e de Teresa Gil. Ressalta o retábulo-mor do estilo churrigueresco.

No coro, com cobertura em abóbada de canhão do séc. XVIII, acolhe vários retábulos barrocos e os túmulos da fundadora Teresa Gil, de Leonor Leonor Sánchez de Castilla e da rainha Dona Beatriz de Portugal.

Localização

Ermida de Santa Maria da Vega

Consagrada em 1208 pelo bispo de Zamora, Martín Arias, a ermida pertenceu à ordem de São João de Jerusalém. De nave única com armação em madeira, capela-mor retangular e abóbada de canhão apontado.

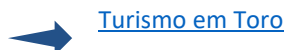
Localização

Igreja de São Lourenço o Real

Construída a finais do séc. XII, é a igreja mais antiga de Toro. Nela estão enterrados alguns dos membros da família Castilla – Fonseca, os bastardos de D. Pedro I o Cruel. A planta é de nave única com arcos ogivais que repousam sobre os pilares, enquanto a cabeceira de tramo reto contém uma abside semicircular, que exteriormente está decorada com arcos semicirculares. Destaca no seu interior o sepulcro gótico flamenco de Pedro de Castilla e Salazar e da sua esposa Beatriz de Fonseca, assim como o retábulo do séc. XV da autoria de Fernando Gallego. No exterior encontramos o pórtico meridional, um dos grandes exemplares do mudéjar castelhano leones.

Localização

***Para mais informação sobre outros recursos patrimoniais e serviços turísticos.**



ZAMORA

Durante os princípios da invasão napoleónica a Portugal, as primeiras tropas francesas que passaram por Zamora, quando ainda não se era consciente do risco que existia para a independência nacional, acamparam durante uma temporada nesta localidade e começaram por provocar os primeiros descontentamentos ao retirarem o mantimento da população para o seu próprio sustento. Depois do levantamento que ocorreu a 2 de maio, esta situação veria a modificar-se pelo menos no núcleo das classes populares, já que o governo da cidade estava submetido ao domínio francês.

A 31 de maio começaram as primeiras revoltas para impedir o saqueio da tesouraria da cidade, até que a 2 de junho tomou-se a decisão de fundar uma Junta de Armamento e Defesa. Em julho com a prevista chegada das unidades do exército francês fez com que ocorresse um abandono massivo e caótico da cidade, porém um grupo de cidadãos decidiram esperar os franceses. Logrando a primeira vitória frente a um pequeno avanço, o que gerou a satisfação nas tropas zamoranas que sem calcular a sua verdadeira força tiveram a coragem de encarar o inimigo, junto à Ponte de Villagodio. Mas foram derrotados sem piedade pelos experientes soldados da Divisão Lapisse. Quatro dias depois Zamora seria tomada sem resistência.

A ocupação prolongou-se até finais de agosto de 1812, convertendo a cidade num lugar de paragem de abastecimento e aquartelamento das tropas, o que provocou a quebra dos recursos das classes populares. Os conventos foram saqueados e a catedral foi utilizada como depósito, também algum sino e parte da relojeira foram fundidos para serem utilizados como matéria-prima da maquinaria de guerra.

No último dia de agosto de 1812 os franceses deixaram temporalmente Zamora perante a ameaça britânica, para posteriormente voltar a recuperar a praça e cobrir a sua retirada a novembro de 1812. A artilharia inglesa, por ordem de Wellington, destruiu um arco da ponte, deixando a cidade incomunicável desde a parte sul. A 31 de maio de 1813 os franceses retiraram-se por última vez

da cidade, porém, a situação não melhorou para os cidadãos, já que as tropas aliadas continuaram com um duro saqueio dos bens que pertencia à população.



Zamora. Fotografia pululante (CC BY 2.0)

Catedral de Zamora

A catedral de Zamora foi erguida ao longo de 23 anos entre 1151 e 1174, durante a época do Bispo Esteban, sob o reinado de Alfonso VII, fundador do edifício. Possivelmente o arquiteto era francês, concebendo o edifício segundo os cânones do românico pleno, apesar de se adaptar às novas soluções. Trata-se de uma catedral de pequenas dimensões e da sua estrutura original apresentava uma cabeceira de três absides semicirculares escalonadas, um cruzeiro saliente em planta e três naves de quatro tramos cada uma, retangulares referentes aos da nave central e quadrangulares relativos aos das laterais. As abóbadas das naves laterais são em aresta, as do braço do cruzeiro em canhão apontado e na nave central aproveitaram as colunas laterais dos pilares para colocar nervuras com abóbadas de aresta. Estas abóbadas ogivais ou de cruzaria sem chave anunciam o impulso do gótico. Ao longo dos anos a catedral esteve sujeita a diferentes modificações e ampliações.

O elemento mais emblemático do conjunto é o zimbório realizado em 1174. Que veio oferecer a solução do problema de cobrir com cúpula a interseção entre a nave central e o cruzeiro. Servindo de modelo para outros edifícios como a Sé Velha de Salamanca e a Colegiada do Valladolid, criando em conjunto o grupo dos “os zimbórios do Douro”. Realça de igual forma o pórtico do Bispo, presente na única fachada que se conserva integralmente. O conjunto caracteriza-se pelo seu equilíbrio compositivo e pela sua sobriedade decorativa. A torre construída no primeiro terço do s. XIII, não fazia parte do projeto original. É um baluarte

defensivo já que está situado num lugar de fronteira. Desde o claustro acede-se ao Museu Catedralício.

No seu interior encontra-se o retábulo-mor de mármore e bronze, desenhado por Ventura Rodríguez, segue os princípios do estilo neoclássico, que veio substituir o retábulo barroco de Joaquín de Churriguera que foi gravemente danificado pelo terramoto de Lisboa (1755) que, por sua vez, substituiu o retábulo gótico de Fernando Gallego dividido na desamortização.

Durante a Guerra da Independência a catedral foi saqueada, onde fundiram alguns sinos, portões e grades, para além de ser utilizada como um armazém de abastecimento.

[Localização](#)

Museu Catedralício

Inaugurado em 1926, alberga obras de arte da catedral e de outras paróquias da diocese. Destacam obras como a *Virgem com o Menino* de Bartolomé Ordoñez ou as duas tábuas que permanecem do retábulo gótico de Fernando Gallego destinadas para a capela-mor. A coleção mais importante do museu é a de tapeçaria franco-flamenco dos séculos XV e XVI, com as séries da *A Vinha* ou a *História de Alexandre*, entre outras.

[Localização](#)

Ponte de Villagodio

A 5 de janeiro de 1809 um grupo de voluntários saíram ao encontro da frente francesa conseguindo neutralizá-los. Porém, quando chegou o corpulento das tropas francesas os voluntários que decidiram fazer frente sobre a Ponte de Villagodio, não conseguiram travá-los e morreram 130 zamoranos. Durante os próximos dias, os franceses estudaram a cidade e abriram uma fenda na muralha pela qual entraram na cidade. Os zamoranos mortos em combate ficaram por sepultar até que em 1812 recolheram os restos mortais e os levaram para o obituário da Paróquia de São João da Porta Nova. Este gesto é recordado mediante o obelisco comemorativo onde está gravado: “*Los zamoranos de 1908 dedican esta inscripción a los héroes del 6 de enero de 1809. Este monumento fue erigido en 1819*”.

[Localização](#)



Obelisco_da_Batalha_de_Villagodio. Fotografia de Outisnn (CC BY-SA 3.0).

Castelo

O edifício data aproximadamente de meados do s. XI, porém desta época acham-se poucos vestígios. Sob o reinado de Felipe V realizaram-se reformas para o adaptar às novas técnicas de combate. Atualmente conserva-se o perímetro do castelo, rodeado por um fosso, por muros de

maior importância, pelo pátio de armas e pela torre de menagem. Apresenta planta com forma de losango, com três torres e todo o edifício está flanqueado por um fosso de grande profundidade. O conjunto está composto por três recintos: o interior com sete torrões pentagonais e a torre de menagem a Este. O exterior de traçado irregular está constituído por parte das muralhas urbanas e no exterior do fosso está formado por um revelim.

[Localização](#)

Muralhas

Construídas ao mesmo tempo que se levanta a cidade, mostra uma série de recintos, sendo o primeiro do s. XI que vêm desde a parte mais ocidental até à praça maior. O segundo recinto finaliza-se no s. XIII cobrindo o Este da cidade. O terceiro é construído a finais do s. XIV sobre o Sul e as áreas em volta da Ponte Nova. Durante a Guerra da Independência foi fortalecida para conter os franceses, porém, depois desse momento perde a sua função. São abandonadas e incluso destruíram alguma parte entre os séculos XIX e XX. Na atualidade conserva cerca de 3 km do recinto em bom estado, sendo as ameias um ponto de interesse turístico.

[Localização](#)

A Alhóndiga

Edifício renascentista do s. XVI que se utilizava como armazém de cereais para garantir o abastecimento. As obras começaram em 1504 e acabaram em 1575, motivo pelo que conta com os escudos dos Reis Católicos e de Felipe II na sua fachada. Depois da invasão dos franceses da qual resultou bastante deteriorado, foi utilizado como prisão e mais tarde para usos industriais. Atualmente, após a sua requalificação, é aproveitada como sala de exposições.

[Localização](#)

Outros monumentos de interesse na localidade:

- **Palácio do Cordão**

- Um dos poucos edifícios civis do s. XVI em Zamora. Deve o seu nome ao alfiz com forma de cordão franciscano presente na fachada. Do seu primitivo edifício só sobrevive a fachada, o restante foi reabilitado em 1988 para albergar o Museu de Zamora onde conta a história da cidade, além de ter uma coleção arqueológica e de obras de arte de grande qualidade.

- **Igreja de Santiago dos Cavaleiros**

- Situada em frente à muralha perto do castelo de Zamora. Acredita-se que a sua construção pode datar entre finais do s. X e princípios do s. XI. Apresenta uma planta retangular extensa, de estilo românico com nave única de dois tramos e abside de cabeceira semicircular. Recebe a denominação de Santiago dos Cavaleiros porque consta-se que nesta igreja foi armado cavaleiro, após velar as suas armas, o Cid Campeador pelo rei Fernando I.

- **Igreja de São Pedro e de São Ildefonso**

- Começou a ser construída no s. XI pela ordem de Fernando I de León. Durante o s. XIII foi reformada e ampliada no estilo românico, mas no s. XV sofre modificações que fazem com que pouco fique dessa primeira fábrica. Apresenta planta com formato de quadrado irregular, de nave única de três tramos reforçados com contrafortes exteriores e a abside de cabeceira plana. Aos pés há uma torre campanário. No seu interior alberga os restos mortais de São Ildefonso de Toledo, Pai da Igreja Latina.

- **Semana Santa Zamorana**

Declarada de interesse cultural em 1986, é uma das mais conhecidas a nível nacional e internacional. A sua origem remota a 1273, sendo das mais antigas do país, é sem dúvida a maior festividade da cidade. Caracteriza-se pela sua austeridade, expressividade, sobriedade e silêncio. Tem diferentes momentos a destacar como o Juramento do Silêncio na tarde de Quarta-feira Santa, a procissão das “Capas pardas” à meia-noite do mesmo dia, o canto do Misere na Quinta-feira Santa ou o desfile da madrugada de Sexta-feira Santa, entre muitos outros. A Semana Santa zamorana conta, com 17 confrarias, além das talhas de imensa qualidade de artistas como Gregorio Fernández ou Mariano Benlliure Gil. Conta também com uma gastronomia própria que é tradição neste período como as sopas de alho para o pequeno-almoço na manhã de Sexta-Feira Santa.

***Para mais informação sobre outros recursos patrimoniais e serviços turísticos.**



<https://turismo-zamora.com/>

<https://www.romanicozamora.es/>

TORDESILLAS

A viagem de Napoleão por terras castelhanas e leonesas teve vários marcos históricos que merecem ser lembrados. Por exemplo, em Tordesillas, existem documentos que comprovam que o imperador esteve instalado no Mosteiro de Santa Clara, mais concretamente na antiga Casa-Hospedagem do Bispo e do Sacerdote.

Napoleão simpatizou com o abade e garantiu a proteção do convento de qualquer saqueio, para além de perdoar a vida de três padres por petição do mesmo.

A rota dos exércitos pelas frias e áridas terras castelhanas e leonesas, em pleno inverno, foi extremamente dura, o que provocou muitos destroços patrimoniais, saqueios e roubos, não só pelos franceses, mas também pelos britânicos, que se destacaram pelas suas impressionantes bebedeiras.

Santuário de Nossa Senhora da Penha

O Santuário foi construído no século XVII. Apresenta uma estrutura em ladrilho, com planta em cruz latina e duas sineiras que flanqueiam o pórtico principal. No seu interior realça um retábulo neoclássico presente no presbitério, que expõe a imagem de vestir de Nossa Senhora da Penha, sendo a sua festividade celebrada junto com a romaria popular a 8 de setembro.

Em 1812, durante a Guerra da Independência a ermida foi utilizada contra os franceses, acabando em ruínas. Porém, a partir de 1826 deu-se início à sua reedificação que estaria finalizada até 1840.

Ponte de Tordesillas

Ponte de origem medieval da qual é desconhecido o ano da sua fundação e construção. Acredita-se que primitivamente era utilizada como passagem obrigatória entre *La Villa* e o noroeste da Península. Apresenta uma estrutura de dez arcos, entre os quais contém talhamares de planta triangular. Contudo, em 1812, como consequência da Guerra da Independência Espanhola, o general Lord Wellington que fugia das tropas francesas, decidiu explodir o sexto arco da ponte.

Igreja de São Francisco

Foi construída pela Ordem dos Franciscanos que pertenciam à Reforma de São Pedro de Alcântara. A obra foi patrocinada pelo rei Felipe II que contribuiu com o apoio financeiro. Com a invasão francesa durante a Guerra da Independência, as tropas napoleónicas roubaram e destruíram a igreja, ao ponto de a edificação original ficar arruinada. Posteriormente, a finais do século XIX a igreja foi restaurada, contudo novamente a meados do século XX foi totalmente abandonada. Alguns anos depois, o município adquiriu o monumento para alojar o “Museu do Farol”, que retrata essencialmente aspetos tradicionais e festivos de Tordesillas.

Igreja de Santa Maria a Maior da Assunção

Provavelmente erguida sobre uma antiga mesquita da cidade segundo o estilo gótico. No séc. XVI a igreja é repensada como um edifício classicista, seguindo o modelo do Escorial. Deste modo, a cabeceira e os primitivos corpos da torre são góticos, enquanto o restante do conjunto é escorialense. Exibe nave única de quatro tramos, com pilastras toscanas que suportam os arcos fajones e uma cobertura em abóbada de canhão com luneta e decoração classicista em gesso. No seu interior alberga o retábulo-mor classicista dedicado à Virgem da Assunção que foi projetado por Pedro e Juan da Torre em 1655.

A torre, de secção quadrangular, foi construída entre os séculos XVI e XVIII. Os dois primeiros corpos são góticos e os restantes são classicistas. Na parte superior está “o relógio solto” com as alegorias das estações do ano, que servia para anunciar os diferentes festejos da cidade, destacando as festividades da Virgem da Penha. Durante a invasão napoleónica o templo foi utilizado como lugar de vigilância para as tropas espanholas.

Mosteiro de Santa Clara

É um conjunto complexo de grande riqueza artística que agrupa o mosteiro das freiras clarissas, as estâncias do antigo palácio e os banhos árabes. Originalmente era um palácio mudéjar que foi mandado construir como comemoração da Batalha do Salado, por ordem de Alfonso XI em 1340. O seu filho D. Pedro I finalizou a obra e em 1363 cedeu o edifício às suas filhas Beatriz e Isabel para o converterem num convento. Em 1365, o papa Urbano VI decretou cinco bulas para que apoiassem a sua fundação por parte de María Padilla, recebendo todo o conjunto de doações e privilégios da realeza. A maior doação foi a de Juan I de Castilla que, como outras mulheres da alta nobreza, acabou por se retirar para o cenóbio. No Natal de 1808, durante a Guerra da Independência, Napoleão Bonaparte alojou-se neste convento na noite do 25 ao 26 de dezembro, devido à forte nevada que caiu nesses dias. Ainda durante a sua estância perdoou a três prisioneiros.

Considerado um dos melhores edifícios mudéjar em Castela e Leão, é acedido pelo pátio, onde acredita-se que era o antigo pátio das armas, e onde está a fachada de Alfonso XI. Esta é composta por um corpo inferior com uma porta com dintel onde está gravado uma inscrição em árabe. Em cada lado existe uma lápide, sendo que em uma destas relata a crónica da Batalha de Salado. O corpo superior tem uma janela com ajimez de arcos lobulados e sobre esta encontra-se um painel de rede com decoração em losangos. A porta dá acesso à capela mudéjar que originalmente era o vestíbulo.

A igreja gótica construída na segunda metade do séc. XIV, apresenta nave única de amplas dimensões com abóbadas ogivais. A capela-mor está coberta com armação mudéjar que foi elaborada entre 1449 e 1454 por López de Arenas. A cobertura apresenta forma octogonal e é decorada com laçarias cobertas em dourado com combinação de motivos policromos. Enquanto o friso está ornamentado com 43 pinturas realizadas por Nicolás Francés, onde se observa a imagem de Cristo e da Virgem acompanhadas por outros representantes da Igreja. A capela alberga ainda um retábulo renascentista em alabastro que é dedicado à Virgem da Assunção.

A capela dourada de planta quadrangular, antiga sala do palácio mudéjar, foi inspirada na maqsura árabe da mesquita de Córdoba. Exibe muros preenchidos por arcada cega que alternam entre arcos de ferradura e lobulados e está coberta por uma cúpula almóada, de 16 lados decorada com laçarias e formas cónicas em dourado. Guarda várias obras artísticas como o fresco da Adoração dos Reis que data de finais do séc. XVI, ou os instrumentos musicais que pertenciam a Juana I de Castilla. O claustro de dois andares é denominado como o Pátio do Vergel e

apresenta traça classicista. As suas galerias estão decoradas com abundantes pinturas que representam santos franciscanos e episódios da Paixão.

Outros monumentos de interesse na localidade:

Igreja e museu de São Antolín de Tordesillas

Construída entre os séculos XVI e XVII, foi fundada por Pedro González de Alderete. A planta é de uma só nave com abóbadas de cruzaria e de aresta com gessos do séc. XVII. Alberga vários retábulos, destacando o da capela-mor de 1658, com pinturas de Felipe Gil de Mena. As esculturas de vulto são da autoria de Gregorio Fernández e de Pedro de Mena, entre outros artistas. Na capela dos Alderete encontra-se o sepulcro do fundador, obra de Gaspar de Tordesillas. Chama à atenção o retábulo da autoria de Juan de Juni, que foi encomendado pelo Mosteiro das Claras e que, em 1550 foi vendido a Gaspar de Alderete.

Em 1959 é inaugurado o museu, que conta com diversas peças de grande interesse, pertencentes a artistas como Gregorio Fernández, Juan de Juni, Francisco del Rincón, Esteban de Rueda o Murillo, entre outros.

Praça maior

De origem medieval, os Reis Católicos mandaram construir em Tordesillas uma Praça Maior, onde a sua dimensão deveria estar em harmonia com a importância da vila. O traço atual da praça com planta quadrangular rodeada de arcadas, não sofreu nenhuma transformação.

Museu do Tratado de Tordesillas

Localizado nas Casas do Tratado. É referente a uma casa nobre do séc. XV onde ocorreu as negociações e decisões internacionais sobre o marco geográfico do reino, sendo concluído a 7 de junho de 1494 com a assinatura do Tratado de Tordesillas. O museu é composto por duas salas que albergam diferentes peças históricas, geográficas, políticas e sociais deste momento histórico.

***Para mais informação sobre outros recursos patrimoniais e serviços turísticos.**



<http://www.tordesillas.net/descubre-tordesillas>

VALLADOLID

Palácio Real de Valladolid

É o palácio vallisoletano mais notável da cidade, já que representa um legado histórico e artístico significativo. A sua configuração atual é o resultado das diferentes intervenções que sofreu ao longo do tempo, na sua arquitetura, urbanismo e mobiliário. Nas suas instalações residiram importantes personagens da coroa como: Carlos V e a imperatriz Isabel, Santa Teresa de Jesus, Felipe II, Felipe III, Felipe IV, Carlos II, Fernando VII, Isabel II, Amadeo de Saboya, e Alfonso XII. Teve especial relevância durante a Guerra da Independência, considerando que aqui ficaram alojados o próprio Napoleão, José I e Wellington.

O palácio foi construído pelo secretário do Imperador Carlos V e pelo I Marquês de Camarasa, Francisco dos Cobos e a sua esposa María de Mendoza. Em 1601 o palácio passou para a posse da coroa por aquisição do rei Felipe III, convertendo o edifício no Palácio Real, condição que manteve até 1876, quando passou a ser a sede da Capitania General da região militar.

Em 1999 o palácio foi declarado Bem de Interesse Cultural na categoria de Monumento. Na atualidade, no seu interior existe uma série de bens, como peças que refletem a herança da coroa e da fundação militar, como o oratório da Rainha e o Armamento, entre outras obras.

Painel Rosa Barreda e Nicolasa Centeno

Painel situado de frente ao Palácio Real, em homenagem às heroínas Rosa Barreda e Nicolas Centeno que desempenharam a função de espias durante a Guerra da Independência (1808-1814), tendo sido amantes dos generais franceses Kellermann e Dufresse, militares da máxima autoridade das tropas de Napoleão em Valladolid.

O trabalho de espionagem realizado por estas valentes mulheres contribuiu com importante informação militar, para que a resistência espanhola pudesse contra-atacar os ataques dos inimigos, assim como a troca e a libertação de alguns dos presos provenientes das guerrilhas espanholas.

Palácio do Conde de Gondomar

Conhecido como “A Casa do Sol”, é um palácio que foi construído em 1540 para Don Juan de Leguizamo que desempenhava a função de regedor da corte e era membro do concelho da sua majestade. Em 1599 o palácio passa a pertencer ao conde de Gondomar, Dom Diego Sarmiento de Acuña. Sob a sua propriedade e com o apoio do arquiteto Francisco de Praves realizaram diferentes modificações na estrutura, ornamentação e mobiliário do palácio, realçando a sua ampla e reconhecida biblioteca que na época foi muito popular.

Durante a Guerra da Independência para conseguir cumprir as exigências do alojamento das tropas e cavalaria francesa, o capitão-general Horcasitas autorizou despejar do seu quartel o regimento de cavalaria da rainha, permitindo que o palácio fosse utilizado como refúgio das tropas invasoras. Em 1999 o Estado adquire o imóvel junto com a igreja de São Bento – o Velho, sob o projeto para a ampliação do Museu Nacional de Escultura.

Convento do Carmen Calzado

O antigo convento do *Carmen Calzado* foi fundado pela ordem religiosa de Nossa Senhora do Monte Carmelo a meados do século XVI. O complexo monástico albergou um conjunto conventual que durante a Guerra da Independência, pela sua localização estratégica, foi adaptado para receber um hospital militar como parte da rede hospitalar, devido ao constante trânsito e aquartelamento das tropas na cidade de Valladolid.

Em 1930 a igreja foi demolida juntamente com as outras estruturas pertencentes ao conjunto monástico, convertendo-se em património perdido de Valladolid. Posteriormente, em 1997 foi vendido em concordância com o Ministério da Defesa espanhola, a Junta de Castilla e León e o município, para se converter num centro ambulatorio e Central da Gerência Regional da Saúde de Castilla e León e do serviço do 112.

Igreja de São Agostinho

Em 1407 com a renúncia e doação de algumas casas particulares por parte do Condestável de Castela, Ruy Lope Dávalos e a sua mulher Elvira de Guevara, dá-se início às primeiras construções do convento. Porém, só em 1550 inicia a edificação da igreja sob a direção do arquiteto Diego de Praves, estando finalizada em 1627. A estrutura original da igreja consistia em uma nave de grandes dimensões em conjunto com cinco capelas, das quais duas se situavam debaixo do coro sobre a abóbada de arestas. Não obstante, existem registos que comprovam que posteriormente foram construídas várias capelas funerárias, atualmente desaparecidas.

Durante a Guerra da Independência a igreja serviu como quartel devidamente equipado com utensílios para as tropas napoleónicas que se dirigiam até Portugal, tendo a capacidade para albergar 230 soldados. Esta invasão provocou a destruição e roubo das riquezas do convento por parte dos franceses.

Em 2002, o município realizou uma reabilitação na igreja com o objetivo de abrigar a sede do Arquivo Histórico Municipal de Valladolid.

Convento dos Agostinhos Filipinos

Foi traçado pelo arquiteto Ventura Rodríguez entre 1759 e 1760. A sua construção esteve sujeita a alterações devido a diferentes fatores como: entre 1762 e 1778 houve pouca produção causada pela falta de dinheiro; e pelas invasões do exército francês que utilizaram o imóvel como refúgio das tropas comandadas pelo general Dupont de l'Étang, o que provocaria grandes estragos na sua estrutura. Porém as obras são retomadas em 1853 e finalizadas em 1930, período onde intervieram os arquitetos Jerónimo Ortiz de Urbina e José María Bastera. Em total a construção do convento prolongou-se por 171 anos.

O convento de Nossa Senhora das Mercês

O convento de Nossa Senhora das Mercês faz parte do património perdido de Valladolid, onde atualmente situa a “La Calle de la Merced”. A 17 de janeiro de 1235 o papa Gregório IX, confirma a fundação do convento sobre o nome de Mosteiro de Santa Olalla. O cenóbio foi conhecido como a residência dos Mercenários Calçados desde o século XVI até à desamortização do século XIX.

Da mesma forma que muitos outros conventos e mosteiros vallisoletanos que foram saqueados pelas tropas francesas durante a Guerra da Independência, o convento da Merced foi arruinado

e expropriado em 1809. Posteriormente após a desamortização em 1849, o município obteve o permissão para derrubar a igreja e o solar com a finalidade de iniciar a construção de uma nova rua, que na atualidade é conhecida como La Merced.

Mosteiro de Nossa Senhora do Prado

A sua fundação foi em 1441 pela Ordem Jerónima com o propósito de propiciar a devoção de uma ermida. Sob as ordens dos Reis Católicos foi realizado: a edificação de uma capela-mor onde foram enterrados os infantes e conversos, Dom Juan e Dom Fernando, e os irmãos do rei Boabdil de Granada. Foi também construído em anexo um quartel real. Em 1807 o mosteiro foi invadido e usado como albergue pelas tropas napoleónicas que se dirigiam a Portugal, que eram comandadas pelos generais Junot e Dupont.

Em 1821 os monges deixaram o convento, em 1851 o cenóbio passou a ser uma prisão e em 1899 transforma-se num manicómio. Enquanto em 1977 estava completamente arruinado, sendo adquirido pela Deputação Provincial e em 1987 passa a ser propriedade da Junta de Castilla e León, que o converte na sede do Concelho da Cultura.

Igreja do Mosteiro de São Bento o Real

Construída entre 1499 e 1515 sobre o Alcazar Real. Com planta de três naves rematadas por uma cabeceira de 3 absides poligonais. Segue a tipologia de planta salão, isto é, as naves estão todas à mesma altura, criando a sensação de unidade e amplitude. A fachada com forma de torre póstico foi desenhada por Rodrigo Gil de Hontañón em 1569. Inicialmente era mais alta, com mais dois corpos, porém, no séc. XIX tiveram que ser demolidos pela ameaça de ruína. Na igreja estava o Retábulo de São Bento o Real, talhado entre 1527 e 1532 por Alonso Berruguete, considerado como uma das grandes obras escultóricas do maneirismo em Espanha. Após a Desamortização de Mendizábal em 1835, o conjunto é transformado num forte-quartel e as suas obras de arte são roubadas. Grande parte do retábulo e da silharia do coro elaborada por Andrés de Nájera em 1528 encontram-se atualmente no Museu Nacional de Escultura. Adossado à igreja localiza-se o grandioso cenóbio, com três claustros entre eles o Pátio Herreriano. A fachada realizada por Juan Ribero Rada segue o modelo herreriano que é instalado na cidade com a construção da catedral.

Durante a Guerra da Independência em 1807, o mosteiro dispõe de aproximadamente 500 lugares para abrigar as tropas francesas que se dirigiam até Portugal. Exibe no seu pórtico um escudo da Casa Real de José Bonaparte.

Em 1837 é desamortizado e convertido em quartel-militar. Depois, em 1931 é declarado Bem de Interesse Cultural na categoria de Monumento Histórico-Artístico pertencendo ao Tesouro Artístico Nacional.

A igreja conventual de São Paulo

É um dos edifícios emblemáticos da cidade. Localizada na Praça de São Paulo onde está o Palácio Real e o Palácio de Pimentel. Foi construída entre 1445 e 1616 onde se celebrou o baptismo dos reis Felipe IV e Felipe II e recebeu a visita de Napoleão quando esteve na cidade. Do estilo gótico isabelino apresenta uma planta com nave única com capelas abertas entre os contrafortes, um coro alto, um cruzeiro e a abside central octogonal, estando todo o conjunto coberto por abobadas de cruzaria. Destaca a fachada, obra de Simón de Colonia, finalizada em 1500. Conta com duas partes diferentes, a primeira até à imposta com iconografia gótica e a segunda até ao frontão triangular, com um sentido mais classicista, conta com esculturas da oficina de Gil de Siloé. Finalmente, o frontão realizado também por Simón de Colonia já não expõe elementos góticos, mas sim renascentistas.

Posteriormente, durante a Guerra da Independência as tropas napoleónicas profanaram a igreja e o convento, o que causou graves danos. Depois, em 1835 o convento foi desamortizado, o que levou à destruição das suas dependências, ficando apenas a igreja. Contudo, em 1931 é declarado como Bem de Interesse Cultural na categoria de Monumento Histórico-Artístico pertencente ao Tesouro Artístico Nacional. Ainda em 1968 um grave incêndio afeta as abobadas que posteriormente foram reconstruídas segundo o estilo gótico.

Palácio Fabio Nelli

A sua construção inicia em 1576 sob o contrato de um primeiro palácio entre o banqueiro humanista Fabio Nelli de Espinosa e Juan da Lastra. Logo, entre os anos 1594 e 1595 o arquiteto Pedro de Mazuecos dirigiu a unificação estilística e espacial da totalidade do edifício. O palácio é uma representação renascentista com singularidades do classicismo vallisoletano, e simboliza o valor do homem de negócios e humanista contra o nobre entregue ao desgoverno e ao ócio.

O palácio foi saqueado, alterado e usado como armazém pelas tropas napoleónicas durante a Guerra da Independência. Posteriormente, durante o período da desamortização o imóvel passou a pertencer ao Estado, e em 1961 é declarado Monumento Histórico-Artístico.

Colégio Maior De Santa Cruz

Foi fundado em 1482 por Dom Pedro González de Mendoza, Cardeal de Santa Cruz, motivo da atribuição do nome ao colégio. A construção realizou-se entre 1486 e 1491, onde inicialmente o estilo desenvolvido foi o gótico, porém, com a participação de Lorenzo Vázquez de Segovia foi aplicado um estilo renascentista, que é considerado como a primeira mostra da arte renascentista em Valladolid.

Durante a Guerra da Independência o colégio esteve fechado até 1816, e nas suas instalações esteve hospedado Arthur Wellesley, o duque de Wellington. Posteriormente, no século XX converteu-se na sede da Universidade de Valladolid e em 1955 foi declarado Bem de Interesse Cultural como Monumento Histórico-Artístico.

Colégio de São Gregório

Este colégio foi fundado em 1487 pelo dominicano Frai Alonso de Burgos que era Chanceler Maior e Bispo de Palencia, capelão e confessor da Rainha Católica. Na sua construção é desconhecido o arquiteto principal, porém participaram na sua edificação diferentes personagens como: Juan Guas, Gil de Siloé, Simón de Colonia, Juan de Arandia e Bartolomé de Solórzano. Este imóvel é considerado um edifício hispano-flamenco com claras influências toledanas e burgalesas, para além das marcas mudéjares e renascentistas.

Nas suas instalações ensinaram personagens como: Melchor Cano, Domingo de Soto Francisco Vitoria, Bartolomé de las Casas, Bartolomé de Carranza e Luis de Granada. Posteriormente, durante a Guerra da Independência foi invadido pelas tropas francesas, provocando a sua extinção em 1821. Logo converteu-se num instituto de aprendizagem, depois na Delegação de Finanças, em Universidade e, desde 1933, alberga o Museu Nacional de Escultura.

Destaca a fachada em formato retábulo, que para além de conter elementos heráldicos conta com um programa iconográfico dedicado à educação e aos seus benefícios. Acredita-se que seja

obra de Gil de Siloé. É uma amostra fundamental do gótico isabelino, num momento de transição para o Renascimento. A capela que era acessível desde o colégio ou desde a igreja vizinha de São Paulo, também é um exemplo do gótico tardio, estando constituída por uma cabeceira poligonal e o corpo de apenas um tramo é coberto por uma abóbada de cruzaria estrelada. Alberga um retábulo de 1489 e o sepulcro do Frei Alonso de Burgo, bispo e fundador do conjunto, sendo este túmulo de Felipe Bigarny. Contudo, ambas obras acabaram por desaparecer durante a Guerra da Independência. O edifício até 1933 desempenhou a função de colégio, porém a partir da II República converteu-se no Museu Nacional de Escultura.

Outros monumentos de interesse na localidade:

Igreja de Santa Maria a Antiga

Um dos edifícios mais históricos de Valladolid. Existem documentos de 1177 onde consta que existia um templo, porém, desta primeira fábrica nada sobreviveu. Os elementos mais antigos são do estilo românico, como a torre e a galeria porticada. A restante estrutura do templo foi reedificada no séc. XIV no estilo gótico seguindo as influências da Catedral de Santa Maria de Burgos. Estava organizada em três naves, com três absides poligonais sem girola, cruzeiro marcado só em planta e cobertura em abóbadas de cruzaria que repousam em pilares com colunas adossadas.

Ao longo da história esteve sujeita a diversas reformas devido ao mau assentamento e por situar-se nas margens do rio Esgueva. No séc. XVI Rodrigo Gil de Hontañón, devido ao avançado estado de ruína, decide trocar o sistema de suporte, construindo novos arcobotantes e contrafortes e reforçar a torre. Ao mesmo tempo Juan de Juni realizou o retábulo-mor que atualmente encontra-se na Catedral.

No século XIX o edifício ameaçava mais uma vez estado de ruína, em 1897 foi declarado monumento nacional e em 1900 dá-se início ao seu restauro. Não foi até 1918 quando começa a reconstrução dirigida por Ricardo García Guereta no estilo neogótico numa tentativa de harmonizar com as absides do séc. XIV que ainda se conservavam. Seguindo o projeto da mesma morfologia que o original, acrescentam em 1947 uma sacristia neogótica adossada ao cruzeiro sul e no ano seguinte a galeria porticada é restaurada.

Finalmente, em 1952 é novamente aberto ao culto. Com todas estas remodelações, muitas das suas obras de arte foram transferidas para outros templos, ficando apenas dois pequenos retábulos aos pés das naves laterais.

Catedral de Nossa Senhora da Assunção

Construída no século XVI foi projetada por Juan de Herrera, sendo deste modo um edifício do estilo herreriano com alguns acréscimos barrocos. Depois de três tentativas falidas em construir a colegiada, o cabide pediu a Juan de Herrera que desenhasse o edifício, com o objetivo de convertê-lo no edifício religioso maior da Europa. Ambições que duraram pouco tempo, devido à falta de dinheiro e pelas más condições do território que provocou a alteração do assentamento. Atualmente a construção abrange um 40 % do grandioso projeto. Juan de Herrera realizou um plano segundo o modelo classicista, particular pela pureza e solenidade em conseguir a harmonia e o equilíbrio entre os aspetos formais. A planta atual é formada por três naves de quatro tramos, separadas por grandes pilares que suportam arcos de volta perfeita, estando cobertos por abobadas de aresta. É rematada por uma cabeceira de três abside que inicialmente iam ser provisórias, pois este lugar era destinado para o cruzeiro. Nas naves laterais estão quatro capelas em nicho fechadas com grades que albergam retábulos barrocos, rococós e neoclássicos.

Exteriormente a fachada sul estava traçada por duas torres, mas uma destas derrubou-se em 1841. A que vemos atualmente foi construída entre 1880 e 1890 e não segue o traço de Juan de Herrera. A cúpula e a escultura do Sagrado Coração de Jesus são de 1923. E a parte superior da fachada foi construída no séc. XVIII por Alberto de Churriguera.

Referente às obras de arte que alberga no seu interior, destaca o retábulo da capela-mor que foi instalado em 1922, devido às obras da igreja de Santa Maria a Antiga, ficando de forma definitiva na catedral. Dedicado a Santa Maria, foi realizado por Juan de Juni entre 1545 e 1550, consoante as medidas e a estrutura da abside da Antiga. Porém, na catedral não existe um equilíbrio entre o espaço da capela-mor e as dimensões do retábulo. É considerado uma das obras classicistas realizadas por Juan de Juni.

Museu Nacional de Escultura

O Museu foi fundado em 1842 e a sua sede atual é o Colégio de São Gregório. A sua coleção foi formada pelas obras de arte provenientes de conventos suprimidos pelo Regime Liberal em 1836. O acervo foi crescendo com as doações de particular e, principalmente, pela compra de esculturas e pinturas por parte do Estado. Alberga esculturas da Baixa Idade Media até ao início do séc. XIX, assim como pinturas de

grandes artistas como Rubens e Zurbarán, entre outros. Expõe a coleção escultórica mais importante de Espanha e entre as mais destacáveis de toda a Europa.

Pátio Herreriano

A sede do atual Museu Pátio Herreriano de Arte Contemporânea Espanhola localizado no Pátio Herreriano é referente a um dos claustros antigos do Mosteiro de São Bento o Real. Construído por Juan Ribero Rada segue o estilo herreriano da catedral da Assunção, com influências do arquiteto Palladio. Dentro deste conjunto destaca a Capela dos Condes de Fuensaldaña e a sala de Gil de Hontañón, onde se conserva parte de uma pintura mural.

Real Audiência e Chancelaria de Valladolid

Foi principalmente o órgão judicial da Coroa de Castela. Fundado por Enrique II de Castilla em 1371, funcionou durante a Idade Media e a Idade Moderna como tribunal de justiça de todo o reino. A princípios do séc. XIX começaram a duvidar da sua função e, depois da Constituição espanhola de 1812 e com a morte de Felipe VII, o país vive uma reforma na administração e a Real Audiência é apagada em 1834 com o liberalismo.

Semana Santa

Um dos principais acontecimentos culturais da cidade. Com esculturas policromadas de mestres como Juan de Juni e Gregorio Fernández, a Semana Santa vallisoletana é a que representa com mais fidelidade e rigor a passagem da Paixão. Caracteriza-se pela sobriedade e silêncio dos confrades e do público que só é interrompido pelo som dos tambores e trompetas. Está constituída por 33 procissões de 20 confrarias diferentes que portam 61 passos distintos, entre os quais o Museu Nacional de Escultura que cede 42 imagens. Conta com 5 confrarias fundadas no séc. XVI como a Confraria Penitencial da Santa Veracruz ou a Confraria Penitencial de Nossa Senhora da Angústia. Em 1980 foi declarada Interesse Turístico Internacional, sendo a primeira em ostentar esse título.



Mosteiro de São Bento o Real

***Para mais informação sobre outros recursos patrimoniais e serviços turísticos.**

 <https://www.info.valladolid.es/>

MEDINA DE RIOSECO-MOCLÍN

Depois dos sucessos ocorridos na ponte de Cabezón em 1808 o general García de la Cuesta volta a plantar frente aos franceses no páramo do Moclín, em Medina de Rioseco, com os reforços que chegaram pela ordem da Junta de Galicia. Novamente a derrota é tão determinante que ainda é visível o seu reflexo no Arco do Triunfo de Paris.

Depois desta vitória, nada impediu que Napoleão proclamasse o seu irmão José como rei de Espanha. Depois da derrota de Cabezón de Pisuerga, a Junta de Galicia enviou a sua infantaria ao encontro dos franceses, ocorrendo o confronto na localidade de Moclín, onde a experiente cavalaria francesa tomou com certa facilidade o páramo.

Recriação Histórica da batalha na colina do Moclín

A Junta declarou Bem de Interesse Cultural à posição do Moclín, local onde ocorreu a disputa e onde a própria localidade recriou o acontecimento, em conjunto com uma série de outras atividades.



Recriação em Medina de Rioseco

Monumento em Medina de Rioseco

Inaugurado em 1908 o monumento homenageia os caídos na batalha do Moclín, Bronze de Aurelio Carretero.

Outros monumentos de interesse na localidade

- **Muralhas de Medina de Rioseco**

- Edificadas no s. XIII tiveram um papel relevante em diferentes acontecimentos como a Guerra das Comunidades (1520) quando o cardeal Adriano refugiou-se dos comuneros entre os muros da muralha. Atualmente conserva algum tramo, entre estes três das oito portas do conjunto: A Porta de Ajújar, a de São Sebastião e a Porta de Zamora.

- **Igreja de Santa Maria de Mediavilla**

- Construída entre 1490 e 1516 pelo arquiteto Gaspar de Solórzano. O conjunto é do estilo gótico à exceção da torre barroca erigida por Pedro de Sierra. A planta é de três naves separadas por pilares cilíndricos cobertas com abóbadas em cruzaria. Em 1533 Álvaro de Benavente manda construir a capela da Conceção na antiga sacristia da igreja, encarregando a obra aos irmãos Corral de Villalpando. É considerada uma das obras mais notáveis do renascimento espanhol, que conta também com um retábulo maneirista de Juan de Juni. Salienta ainda o retábulo-mor iniciado por Gaspar Becerra, seguido por Juan de Juni e terminado por Esteban Jordán em 1590 após a morte dos anteriores.

- **Igreja da Santa Cruz**

- A sua construção iniciou-se no s. XVI ao estilo herreriano, com o traço de Rodrigo Gil de Hontañón, mas devido à falta de dinheiro não permitiu o seu avanço. Durante o século seguinte realizou-se diferentes alterações com linhas de Juan de Nates e de Felipe de la Cajiga. O seu interior segue o modelo das igrejas jesuítas com nave central mais larga e capelas laterais intercomunicantes entre os contrafortes. Destaca a fachada que recria o desenho do arquiteto Jacopo Vignola na igreja de Gesù de Roma. Para além, de albergar o Museu da Semana Santa.

- **Museu da Semana Santa**

- Localizado na igreja de Santa Cruz conta com uma importante coleção dos passos desde o século XV ao século XX em harmonia com outros objetos próprios da Semana Santa de Medina de Rioseco. O museu introduz a Semana Santa da vila com os passos e procissões, destacando os grupos escultóricos dos mestres como Juan de Juni ou Gregorio Fernández

e as suas oficinas, para além da documentação das confrarias, da indumentária dos confrades e da liturgia.

- **Museu de São Francisco**

- Presente na igreja do antigo convento franciscano de Nossa Senhora da Esperança, a sua construção inicia a finais do s. XV e princípios do XVI sob o patrono Don Fradique Enriquez IV Almirante de Castilla que concebeu o panteão familiar na capela-mor do templo. A planta apresenta uma grandiosa nave de quatro tramos cobertos por abóbadas de cruzaria e por um grande cruzeiro com cúpula sobre lanterna octogonal. Debaixo da cúpula colocaram os túmulos dos Almirantes. Destaca o retábulo do s. XVIII dedicado à Nossa Senhora da Esperança, atribuído a Francisco de Sierra e Esteban López. A coleção do museu conta com obras de arte de grandes mestres como o grupo escultórico de São Jerónimo de Juan de Juno, ou os Bolduque, além da prataria de Arfe e também a importante coleção de marfim hispano-filipino.

- **Igreja do Apostolo Santiago**

- Erguida entre os séculos XVI e XVII numa combinação estilística bastante particular, onde conflui o gótico tardio com elementos platerescos, classicistas e barrocos. Foi declarado Bem de Interesse Turístico e é Monumento Histórico – Artístico desde 1964. A planta é do tipo salão que se caracteriza pelas três naves à mesma altura e apresenta uma triple cabeceira de absides semicirculares. Dividem as naves grandes pilares fasciculados com arcos apontados. As naves laterais estão cobertas por abóbadas de aresta e a central com cúpulas elípticas exceto o tramo falso do cruzeiro e do coro que têm cúpulas semicirculares. Destaca no seu interior o retábulo-mor dedicado a Santiago o Maior, com traço de Joaquín de Churriguera. Também os retábulos laterais da cabeceira são uma versão reduzida do da capela-mor.

***Para mais informação sobre outros recursos patrimoniais e serviços turísticos.**

➡ <https://turismo.medinaderioseco.org/que-ver>

3º Etapa Medina de Rioseco a Benavente

MAYORGA

Igreja de Santa Maria de Arbas

Trata-se de um dos melhores exemplos da arte mudéjar na zona de Tierra de Campos.

Igreja de Santa Maria do Mercado

Edifício mudéjar de finais do século XV que apresenta semelhantes características das anteriores, porém diferencia-se pela sua curiosa torre escalonada telhada por uma cobertura de cerâmicas vidradas e policromada em uma das suas fases.

Rolo (século XVI)

É o símbolo da justiça e da jurisdição civil da época.

Igreja de Santa Marina

Edifício mudéjar de finais do século XV, foi construído em ladrilho e em terra. Exteriormente temos de destacar a porta de entrada, com um belo arco túbido realizado em ladrilho. O edifício apresenta uma nave principal rematada com abside semicircular de cobertura em madeira com belos entablamentos. Ao fundo encontra-se o coro situado no andar superior, destacando o parapeito com traceria do estilo gótico.

Muralha de Mayorga

Da muralha original do século XIII conserva uma das quatro portas originais, a Porta do Sol situada a Este, hoje conhecida como o Arco.

Museu do Pão

O conjunto do museu está constituído pela antiga igreja de São João e por um edifício de construção recente. No terceiro andar começa por uma viagem sensorial descobrindo o mundo dos cereais; depois o processo de transformação, explicando como o grau é triturado. Enquanto no primeiro piso realiza-se um percurso histórico desde o Neolítico passando pelo Egipto, Roma, Idade Média...

VALDERAS

O imperador esteve na localidade durante a perseguição de Jhon Moore. A 30 de dezembro, Napoleão abandonou Valderas para dirigir-se a Esla, a alguma distância da ponte destruída pelos ingleses.

Praça Maior

Típica praça das vilas leonesas com mercado. A preside a igreja paroquial de **Santa Maria do Azougue**. Onde também está o edifício herreriano da **antiga Casa Consistorial**. Nesta praça podemos observar uma das casas mais antigas de Valderas, que conserva a cornija e as vigas em forma de voluta, estando as vigas visíveis na fachada.

Seminário

Edifício do século XVIII de influência herreriana, durante a Guerra da Independência a finais de dezembro 1808, Napoleão pernoitou neste lugar.

***Para mais informação sobre outros recursos patrimoniais e serviços turísticos.**



<https://www.turismoreinodeleon.com/conjuntos-historicos/tierra-de-campos/valderas/>

CASTROGONZALO

O general inglês John Moore decide explodir a ponte da localidade com o objetivo de deter o avanço francês ao território galego. Em 1808 inicia a sua reconstrução com o objetivo de continuar o serviço que prestava.

A finais do ano de 1808 coincidiu com a conhecida batalha de Castrogonzalo, quando o exército francês, com Napoleão ao mando, cruzou o Esla na persecução das tropas hispano-britânicas sob o comando do General Moore. As localidades por onde passaram sofreram com sua presença, como foi o caso Cerecinos de Campos, onde praticamente toda a população fugiu, ou em Castrogonzalo que sofreu uma série de incêndios nos seus edifícios. Em Castrogonzalo alojaram os franceses durante uma temporada e as localidades vizinhas deviam sustentar as intendências. Também nesta localidade a 31 de maio de 1813, capturaram 400 dragões quando as tropas aliadas desde Alcañices por Tábara passaram a Benavente e pelo caminho se depararam com a guarnição inimiga.

Ponte de Castrogonzalo

Ponte sobre o Esla construída entre os séculos XVII e XVIII.

BENAVENTE

Apesar da ocupação das tropas francesas ter-se prolongado durante vários anos em Benavente, os factos sucedidos na chamada *Carreira de Benavente* implicaram no desenvolvimento posterior do conflito. A repercussão desta batalha concentrou-se em novembro de 1808 e a princípios do ano seguinte, quando o britânico John Moore decide retirar as tropas em direção a La Coruña (lugar onde acabara por falecer em janeiro de 1809). As tropas britânicas, ao retirar-se precipitadamente até La Coruña, iniciam atos de saqueio contra a população dos vales que cedo se veriam detidos pelos oficiais. A perseguição veria o seu fim no confronto que ocorreu nos arredores da cidade de Elviña. Um dos eventos militares mais relevantes foi a captura pelos britânicos do general francês Charles Lefebvre-Desnouettes.

La persecución continuó con varios días de carrera hasta llegar a Benavente, donde el séquito de Bonaparte llegó la Nochevieja de 1808. Su avanzadilla alcanzó el municipio zamorano dos días antes, topándose con la retaguardia de Moore y produciéndose una batalla que tuvo como principal hito la captura del general Lefebvre, uno de los grandes líderes del ejército francés. Sobre este hecho escribe Napoleón a Josefina desde Benavente, antes de continuar el acecho de los ingleses hasta Astorga.

A retirada de Moore tentava complicar a passagem dos franceses fazendo explodir pontes, como a do Esla e a do Órbigo, se bem que a captura de Lefebvre deu-lhe vantagem na hora de continuar a fuga. Na capital maragata, que como narram as crónicas estava cheia de cadáveres e cavalos mortos, o imperador recebeu uma alarmante carta onde informava que Áustria estava a formar um exército. Desta forma deixou ao mariscal Soult na perseguição aos britânicos e regressou a Valladolid, onde as notícias de Paris chegavam em cinco dias.

A 24 de dezembro o general Moore entrou em Benavente com uma tropa indisciplinada, uma vez destruída a ponte de Castrogonzalo, avançou até Astorga deixando em Benavente uma patrulha para controlar a passagem do rio Esla, ocorrendo nesta zona diferentes disputas entre os ingleses e os franceses. Atrasando desta forma o avanço do exército francês para dar tempo ao grosso do exército de Moore em alcançar o porto da La Coruña. No decorrer desta perseguição, a 30 de dezembro Napoleão entrou na vila alojando-se em uma das casas da praça dos Bois, o que provocou uma fuga massiva da população da vila e uma série de assédios pela localidade. A 1 de janeiro de 1809 Napoleão saiu da cidade em direção a Astorga a procura de Moore, mas teve de deixar este destino para regressar a Valladolid e desde aí acompanhar os

acontecimentos que estavam a suceder na Europa, o que obrigaria a abandonar definitivamente Espanha.

No período em que os franceses ocuparam a vila, provocaram vários incêndios como ao convento de São Francisco e o pior foi à enorme fortaleza e palácio dos Conde Alba e Alista, uma das maiores fortalezas da Coroa de Castela. Com sorte utilizaram o combustível existente no castelo durante o frio de janeiro. O fogo foi decisivo no desaparecimento da maior parte da fortaleza, considerado como o emblema da cidade.



Torre del Caracol (Benavente)

Castelo da Mota

O Castelo da Mota foi erguido sobre um castro romano a mando do rei Fernando II. Nesta fortificação reuniram-se em várias ocasiões as Cortes de León, durante o século XVI viveu a sua época de maior esplendor sob o domínio da família Pimentel. Atualmente está em pé a Torre do Caracol que é a atual Pousada Nacional, que inclui uma união de estilos como o gótico e renascentista. Quando reconvertido em Pousada foi decorado com interessantes peças, como o exemplo de um artesanato mudéjar que foi transferido para o atual castelo desde o Santuário de *Nuestra Señora San Román del Valle* quando este ficou em ruínas.

[Localização](#)

***Para mais informação sobre outros recursos patrimoniais e serviços turísticos.**



[Turismo em Benavente](#)

<https://www.benavente.es/aytobenavente/conoce-benavente/patrimonio-cultural>

4º Etapa Benavente a Astorga

SAHAGÚN

A batalha de Sahagún (a 21 de dezembro de 1808) foi um choque de cavalaria, onde o 15º Regimento ligeiro de dragões (Húngaros) britânico derrotou a dois regimentos franceses durante a Campanha de La Coruña na Guerra da Independência espanhola. Pouco tempo depois da batalha, Moore recebeu a notícia de que o forte das tropas francesas se encontrava muito mais perto do que ele pensava, pela qual a ação sobre Soult foi abandonada. A ação da cavalaria de Sahagún, juntamente com a batalha de Benavente, marcou o ponto final antes da longa, dolorosa e desastrosa retirada até La Coruña que culminou na batalha de Elviña. A presença britânica, como era a intenção de Moore, serviu para dar tempo aos espanhóis de restabelecer-se e reorganizar-se depois das derrotas que sofreram na primeira fase da guerra.



Sahagún. Ponte romana sobre o rio Cea. Fotografia José Antonio Gil Martínez (CC BY 2.0)

***Para mais informação sobre outros recursos patrimoniais e serviços turísticos.**

➡ <https://www.turismosahagun.com/>

MANSILLA DE LAS MULAS

Muralha de Mansilla de las Mulas

Construída no século XII, sofreu logo modificações no século seguinte e novamente em 1353. Ainda conserva o Arco da Conceção, como uma das portas de entrada na vila, que servia aos peregrinos que utilizavam a Calçada dos Peregrinos. Os que vinham pelo Caminho Real Francês entravam pela Porta de Santiago.

Ponte de Mansilla de las Mulas

Trata-se de uma ponte de feitura medieval, que conserva marcas do século XXI, apesar da maior parte da estrutura atual da ponte ser do século XVIII.

Para mais informação sobre outros recursos patrimoniais e serviços turísticos.

➡ <http://www.aytomansilladelasmulas.es/turismo-y-ocio/mansilla/>

ASTORGA

É denominado sítios de Astorga aos dois assédios que a cidade sofreu.

O primeiro dos sítios aconteceu entre o 21 de março e o 22 de abril de 1810 e como resultado deste produziu-se a conquista francesa da cidade, que a deteve nas suas mãos durante mais de dois anos. O segundo sítio produziu-se entre o 15 de junho e o 19 de agosto de 1812 e teve como resultado a recuperação da cidade pela parte espanhola.

A conquista de Astorga de 1810 resultou ser uma vitória custosa; a população local ofereceu uma dura resistência e logrou imobilizar o corpo do exército. O triunfo desta conquista foi acrescentado aos êxitos do Império – aparecendo o seu nome no Arco de Triunfo de Paris junto com outras batalhas das guerras Napoleónicas – e ao nível prático, a sua derrota deixa livre ao 8.º corpo do exército francês, que lutou como parte do exército de Portugal. Para os ingleses, os acontecimentos de Astorga deterão durante vários meses o corpo do exército de Junot e a terceira invasão de Portugal, que poderia ter começado na primavera de 1810, prolongou-se até o outono. Permitindo que Wellington preparasse a defesa em Torres Vedras resultando que a invasão francesa fosse um fracasso. Durante o período de ocupação francesa, Astorga converteu-se na base das operações das tropas que operavam contra Asturias e Galicia.

Recriação: Os Sítios de Astorga “3 nações”

Recriação histórica dos acontecimentos sucedidos em Astorga durante a guerra da independência.

A recriação realiza-se durante três dias conforme a imitação dos movimentos dos três exércitos, ocorrendo na envolvente da cidade de Astorga, nos campos de Castrillo dos Polvazares e de Murias de Rechivaldo. Relembra a retirada das tropas hispano-britânicas que foram perseguidas pelas tropas francesas. Desta forma a localidade de Astorga comemora os últimos dias de 1808 e os primeiros de 1809, desde onde foi planeada a fuga dos aliados, os britânicos pela porta de Manzanal e os espanhóis pela Foncebadón. Enquanto isto, Napoleão entrava na cidade a 31 de dezembro de 1808, alojando-se no palácio episcopal, onde segundo a tradição local ocorreu um atentado frustrado contra o Imperador.



Astorga. Fotografia pululante (CC BY 2.0)

***Para mais informação sobre outros recursos patrimoniais e serviços turísticos.**

➡ <https://turismoastorga.es/>
[Turismo en Astorga](#)

5º Etapa Astorga a Villafranca del Bierzo

TURIENZO DE LOS CABALLEROS

Nesta localidade, a 2 de janeiro de 1809, ocorreu o confronto entre o exército em retirada da A Romana e o avanço das tropas francesas. Perante a impossibilidade de deter o avanço das tropas napoleónicas, Moore e o marquês da A Romana tomaram a decisão, a 13 de dezembro, de retirar-se de Astorga até ao porto da La Coruña, para desde aí embarcarem em direção a Inglaterra e assim salvarem as suas tropas. Moore tomou o caminho até La Coruña pelos portos de Manzanal e Piedrafita, enquanto o marquês da A Romana e as suas tropas resolveram dirigir-se até Orense através de Foncebadón e Ponferrada, enfrentando a cavalaria francesa em Turienzo de los Caballeros, graças a este feito, atrasou o avanço francês que acabou por conseguir escapar-se até Molinaseca.

Recriação Histórica da batalha

A recriação é organizada pela Associação Histórico Cultural Voluntário de León e pelo Município de Santa Colomba de Somoza. A recriação parte desde o Município de Santa Colomba de Somoza em direção a Turienzo de los Caballeros, primeiramente marcham os representantes do exército espanhol que são perseguidos pelo exército francês.

Uma vez nos arredores de Torreón de Turienzo acontece uma disputa entre as tropas de ambos os bandos. À continuação existe uma oferenda floral no monólito comemorativo da batalha que se situa na praça principal de Turienzo de los Caballeros.

Há anos que é acompanhada com diferentes episódios e exposições.

Torreão dos Osório

Foi propriedade da família que lhe atribui o nome, os marqueses de Astorga. É o único elemento que sobrevive do castelo de Turgentius e possivelmente esta estrutura era a torre de menagem. Esteve fechado no século XIII e da mesma forma que o vizinho castelo de Ponferrada pertenceu à ordem dos Templários. Enquanto no séc. XIV passou para os Osório. A sua construção deve-se à proteção dos peregrinos do Caminho de Santiago.



Turienzo de los Caballeros. Fotografía Jim Anzalone (CC BY-SA 2.0)

Painel comemorativo da Ação Turienzo de los Caballeros

Painel comemorativo em honra “Aos que venceram na guerra e trouxeram a dignidade e a paz”.

Para mais informação sobre outros recursos patrimoniais e serviços turísticos.



[Turienzo de los Caballeros](#)

BEMBIBRE

Cidade de aquartelamento das tropas inglesas de Jhon Moore. Bembibre sofreu as barbaridades tanto britânicas como francesas. Depois da decisão de abandonar a cidade por parte dos aliados para continuar com a sua fuga até ao porto da La Coruña, A Romana com as tropas espanholas retira-se pelo duro porto de Foncebadón, durante a nevada. Enquanto Moore se retirava pela calçada real do porto de Manzanal que era muito mais fácil de transitar. Surpreendentemente em Bembibre ocorreu a disputa dos dragões franceses contra os vagarosos ingleses, protagonistas de uma orgia de álcool na noite anterior, ao aproveitarem-se da abundância das bodegas da povoação. Calcula-se que entre 300 e 1000 britânicos foram dados como mortos nas ruas de Bembibre.

A ermida do Santo, a 2 de janeiro de 1809, foi destruída pelo exército francês para utilizar as suas ruínas como polvorim e armazém.

Igreja de São Pedro

De origem medieval, esta é a paróquia da Villa Vieja, que é o núcleo primitivo de Bembibre.

Santuário Ecce Homo

Em 1809, os franceses queimaram o templo, destruindo praticamente todo aquilo que se encontrava no seu interior.

Para mais informação sobre outros recursos patrimoniais e serviços turísticos.



[Turismo em Bembibre](#)

[Património perto](#)



São Pedro de Bemibre. Fotografia Ángel M. Felicísimo (CC BY 2.0)

PONFERRADA

Ponferrada foi durante diferentes anos a sede da Junta Superior de León. O impacto da fuga de Moore na cidade foi também semelhante à de outras localidades bercianas onde ocorreram múltiplos atos de roubo pelos exércitos. Os franceses ao ocuparem a cidade, a 2 de janeiro de 1809, foram culpados pela destruição de parte do castelo, mas também teve culpa as instruções dadas pela Regência do Reino em 1811 sobre a demolição das fortalezas espanholas para evitar que os franceses se apoderassem delas.



Castelo de Ponferrada

Castelo Templário

Situado sobre um declive tem aos seus pés o rio Sil e às suas costas um fosso que o separa do núcleo urbano. O castelo é fruto de várias etapas construtivas, contudo a sua origem remota ao ano de 1196 quando Alfonso VIII de Castilla ataca o Bierzo e Alfonso IX de León e decide fortificar a zona.

Em 1211 Alfonso IX doa a vila de Ponferrada e o seu castelo à Ordem do Templo como ajuda e defesa do Caminho de Santiago. Esta ordem será responsável por diferentes modificações na estrutura da fortaleza. Após a Ordem dos Templários no século XIV o castelo passa para Pedro Fernández de Castro, responsável do Castelo Velho. As ampliações sucederam sob o mando dos seus sucessores até ao século XIX, onde o castelo foi parcialmente destruído, primeiramente pelas tropas francesas e depois pelos exércitos aliados para evitar que caísse novamente e que se convertesse num ponto estratégico.

Basílica de Nossa Senhora da Encina

Alberga no seu interior a imagem da Virgem da Encina La Morenica, patrona de Bierzo. A igreja foi iniciada no século XVI no estilo renascentista e no seu interior conserva um retábulo da escola de Gregório Fernández. Ao nível exterior exhibe a alta torre que é popularmente conhecida como «la giralda del Bierzo».

Para mais informação sobre outros recursos patrimoniais e serviços turísticos.



[Turismo en Ponferrada](https://turismoponferrada.com/)

<https://turismoponferrada.com/>

CACABELOS

A batalha de Cacabelos ocorreu a 3 de janeiro de 1809 na ponte sobre o rio Cúa, nas preferias da localidade de Cacabelos durante a retirada de sir John Moore até La Coruña. Nesta povoação sucederam episódios terríveis entre os saqueios nas aldeias da montanha e o brutal combate nas ruas do município.

As tropas britânicas conseguiram preservar a ponte na sua caótica retirada até Galicia, onde um guerrilheiro matou o general Auguste François-Marie de Colbert-Chabanais.

A batalha permitiu que a retaguarda de Moore se distanciasse das tropas francesas que lhes perseguiram. Moore foi criticado por não ter aproveitado as vantagens defensivas da ponte de Cacabelos.



Retrato de Auguste François-Marie de Colbert-Chabanais

Recriação histórica da Batalha da villa del Cúa

Relembra a data do 3 de janeiro de 1809, onde aconteceu na ponte sobre o rio Cúa e em outros pontos da vila um dos episódios mais relevantes da Guerra da Independência na província de León.

***Para mais informação sobre outros recursos patrimoniais e serviços turísticos.**



[Turismo em Cacabelos](#)

<https://www.terranostrum.es/turismo/un-paseo-por-cacabelos>

VILLAFRANCA DEL BIERZO

O quartel-General do Exército de Galicia estabeleceu-se nesta localidade desde o início da contenda e foi também sede da Junta Superior de León.

Durante a fuga de Moore, a localidade foi saqueada pelos britânicos e os franceses causaram graves estragos para a população civil e para o seu património cultural, já que os criminosos saquearam a Colegiada e o convento da Anunciada, queimaram o arquivo municipal, etc.

Tradicionalmente é considerado que a batalha de Bailén em Villafranca foi a segunda vitória do exército espanhol sobre as tropas napoleónicas. Mendizábal ao mando de 1.500 homens utilizou um dos canhões abandonados por Moorre durante a sua fuga para Ponferrada.

A 18 de março de 1809, o Mendizábal que vinha desde Valdeorras ao chegar a Villafranca decidiu atacar a posição dos franceses no castelo da localidade que tinham evitado a guerra em campo aberto. O resultado final foi a libertação da vila.

Foi novamente tomada pelos franceses e libertada pela última vez em 1810, sendo decisivo na posterior reconquista de Astorga.

Recriação da batalha de Villafranca

Alguma vez celebrou-se a recriação da batalha de Mendizábal contra as tropas francesas. Devido ao bicentenário contou-se com o apoio de três associações históricas da província: Os Voluntários de León, os Tiradores de Bierzo e os Caçadores de Olivenza.

Castelo-Palácio dos Marqueses de Villafranca

Foi protagonista da toma de em várias ocasiões. Trata-se de um edifício do século XVI construído em 1507 a partir das ruínas de uma outra edificação. Desde o século XVII foi remodelado e convertido em palácio ao estilo italiano pelos marqueses de Villafranca. Em 1809, durante a marcha das tropas inglesas até à cidade de Lugo, o edifício foi desmantelado e saqueado. Posteriormente os 100000 filhos de São Luís incendiaram o Castelo.

Colegiada de Santa Maria

Fechada no século XVI, foi um mosteiro beneditino e hospedagem dos peregrinos do Caminho de Santiago. É uma amalgama de estilos, desde o gótico tardio ao Renascimento e ao Barroco.

Mosteiro da Anunciada

Fundado a finais do século XVI pelo marquês de Villafranca, D. Pedro Álvarez de Toledo, para a sua filha. Para isso converteu o antigo hospital de peregrinos em um mosteiro de clarissas. Em

1606 inicia a sua história com as freiras procedentes das Descalças Reais de Madrid. No interior do templo estão guardados os restos mortais de São Lourenço e aos pés da igreja está o panteão dos marqueses, ambos os espaços foram profanados pelas tropas francesas.

Para mais informação sobre outros recursos patrimoniais e serviços turísticos.

➡ [Turismo em Villafranca del Bierzo](#)



Villafranca del Bierzo. Fotografia Manuel Martin Vicente (CC BY 2.0)